



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – MODALIDADE LICENCIATURA**

**PAULO HENRIQUE DA SILVA**

**LEVANTAMENTO DAS PLANTAS ÚTEIS CULTIVADAS EM QUINTAIS DA  
COMUNIDADE RURAL DE AROEIRAS, MUNICÍPIO DE MONSENHOR  
HIPÓLITO-PI**

**Picos  
2014**

PAULO HENRIQUE DA SILVA

**LEVANTAMENTO DAS PLANTAS ÚTEIS CULTIVADAS EM QUINTAIS DA  
COMUNIDADE RURAL DE AROEIRAS, MUNICÍPIO DE MONSENHOR  
HIPÓLITO-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Carolina de Abreu

**Picos  
2014**

Eu, **Paulo Henrique da Silva**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 06 de agosto de 2014.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586I** Silva, Paulo Henrique da.  
Levantamento das plantas úteis cultivadas em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito - PI / Paulo Henrique da Silva. – 2014.  
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (69 p.)  
  
Monografia(Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.  
Orientador(A): Profa. Dra. Maria Carolina de Abreu  
  
1. Etnobotânica 2. Categorias de Uso. 3. Conhecimento Tradicional. I. Título.

**CDD 581.4**

PAULO HENRIQUE DA SILVA

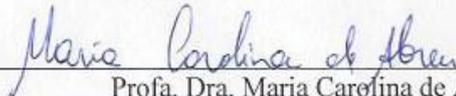
**LEVANTAMENTO DAS PLANTAS ÚTEIS CULTIVADAS EM QUINTAIS PELOS  
MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE AROEIRAS, MUNICÍPIO DE  
MONSENHOR HIPÓLITO-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas.

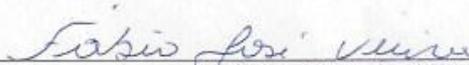
Orientadora: Profa. Dra. Maria Carolina de Abreu

Aprovado em 28 julho de 2014

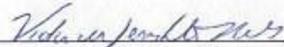
**BANCA EXAMINADORA:**



Profa. Dra. Maria Carolina de Abreu  
Orientadora - UFPI



Prof. Dr. Fábio José Vieira  
Membro Titular - UESPI



Prof. Me. Victor de Jesus Silva Meireles  
Membro Titular - UFPI

Prof. Me. Maria do Socorro Meireles de Deus  
Suplente - UFPI

A DEUS, ser onipotente e magnânimo, fonte das minhas forças e sabedoria, e, aos meus PAIS, baluartes da minha existência.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, por todas as vitórias até aqui conquistadas e pelas vindouras que hei de conseguir, bem como pela fonte de coragem, fé e força, para que eu conseguisse transpor todos os percalços que se fizeram no meio da jornada até aqui;

Aos meus pais, Francisca Vitória & José Ionésio, por todo o amor, carinho, dedicação e apoio a mim dispensados, afinal, vocês se fizeram chão para que eu pudesse percorrer toda esta minha trilha, principalmente no que tange à carreira estudantil; a cada dia de luta, suor derramado, abstinham-se dos seus sonhos e anseios em favor dos meus...faltam-me palavras para expressar algo plausível e a altura para agradecer por tudo!

Aos meus irmãos José Wellington & Marcos Alexandre, por todas as horas de descontração, amizade e companheirismo;

Aos meus avós maternos e paternos por todo amor e carinho, afinal vocês são meus segundos pais, em especial a minha vó Onézia por toda a sua preocupação, zelo, proteção e cuidados para comigo;

A todos os meus familiares de um modo em geral, pelo apoio e incentivo em todos os momentos;

A minha orientadora, a professora Maria Carolina de Abreu, pelos ensinamentos e amizade, haja vista o meu grande respeito e consideração pela sua pessoa, um indivíduo humilde e que traz consigo uma áurea cheia de energias positivas, que cativa e estimula a todos pelo estudo da botânica.

A todos os professores da minha graduação, assim como aqueles por quem passei durante toda a Educação Básica, afinal, vocês se fizeram ponte entre mim e o aprender, sem vocês, não estaria concluindo mais esta etapa;

Aos meus amigos de infância Vanessa Nataly, Patrícia Sousa, Susany Sousa, Maria Elba, Ítalo Alexandre, Tayla Yses e Ulisses Bezerra, por todas as horas de descontração, camaradagem, e também por que não mencionar os conflitos? Vocês possuem a minha eterna consideração!

A todos os companheiros do AP. 101, que nestes quase cinco anos firmamos convivência, em especial a Luana Sousa, uma grande irmã que adotei para a vida.

A grande amiga Ana Maria Coutinho Feitosa, uma verdadeira mãe que ganhei ao longo deste tempo de moradia nas terras picoenses, bem como ao seu filho Théogenes Coutinho, por toda a consideração e carinho a mim direcionados;

Aos moradores da comunidade rural de Aroeiras, pelo aspecto solícito com que me receberam em suas residências e pelas preciosas informações que me concederam. Sem vocês, nada disso seria possível;

Aos amigos-irmãos da Biologia, pelas horas de alegria, conversação, pelas madrugadas em claro, pela confiança, pelas farras, enfim, por todos os momentos que compartilhamos juntos, afinal, esta foi uma etapa que gerou marcas indeléveis em minha vida. Levarei cada emoção, cada amizade por todo o caminho que hei de percorrer. Sei que cada de nós traçará rotas e caminhos diferentes, em busca do que o destino nos reservou e/ou da construção deste, entretanto, fica o meu abraço e as minhas palavras de carinho e de sucesso para todos vocês, para que possam atingir e conquistar os vossos sonhos e, para tal, faço eco das palavras de José de Alencar, onde este coloca que “o sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo e, mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”. A vocês, aquele abraço!

A banca examinadora por ter aceito o convite e pela pertinência das considerações que hão de melhorar ainda mais este trabalho;

Enfim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que este momento pudesse se consubstanciar.

A vocês o MEU MUITO OBRIGADO!

“Conquistas sem riscos são sonhos sem méritos.  
Ninguém é digno dos sonhos se não usar suas derrotas para cultivá-los.”

(Augusto Cury)

## RESUMO

A etnobotânica pode ser definida como estudo das interações estabelecidas entre o homem e as plantas, podendo funcionar como um elo entre o conhecimento acadêmico e o tradicional, onde este, nos dias de hoje, sofre um acelerado processo de desaparecimento e uma vez perdido, torna-se irrecuperável. Uma diversidade de plantas para variados fins são cultivadas em quintais, uma das mais antigas maneiras de manejo da terra, porém, no Brasil, pequena atenção tem sido dada a estas práticas. Assim, este estudo objetivou inventariar as plantas úteis cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito – Piauí, determinar as categorias de uso das plantas cultivadas, identificando as espécies de maior importância local, bem como delinear o perfil sócio-econômico dos envolvidos na pesquisa, para assim conhecer e registrar o conhecimento tradicional local. O trabalho foi conduzido a partir de entrevistas semi-estruturadas, por meio de formulários, no período compreendido entre fevereiro a maio de 2014, nos domicílios familiares da comunidade. A seleção dos participantes foi feita através do método bola-de-neve, em que 71 indivíduos, acima de 18 anos, foram selecionados, onde 10 deles foram informantes-chave. Ademais, utilizou-se também a técnica da turnê-guiada pelos quintais e, concomitante o levantamento de dados, coletou-se amostras das plantas citadas, as quais foram herborizadas segundo técnicas usuais em taxonomia vegetal e incorporadas ao acervo do futuro Herbário de Picos. Além da sistematização dos dados, calculou-se o valor de uso das espécies. Dos 71 indivíduos entrevistados, 87,32% pertencem ao sexo feminino. Foram levantadas 188 espécies, pertencentes a 68 famílias botânicas, onde as mais representativas foram a Fabaceae (18 ssp.), Lamiaceae (10 ssp.) e Araceae (9 ssp.), sendo que a maior parte das espécies apresentavam hábito herbáceo (41,49%). Quanto às categorias de uso, a ornamental foi a mais representativa, seguida da medicinal, alimentar, produção de sombra, mágico-religioso e outros usos. Dentre as espécies mais versáteis está *Anacardium occidentale* L. e *Cereus jamacaru* DC., as únicas pertencentes a quatro categorias de uso. *Chenopodium ambrosioides* L. (VU=3,96), *Aloe vera* Burm. f. (VU=3,43) e *Ruta graveolens* L. (VU=3,11) foram as espécies em que se encontrou os maiores valores de uso para a localidade estudada. No geral, a maior parte das plantas (56,38%) apresenta baixo valor de uso, uma vez que apresentam o menor valor considerado (1,00), o que indica a baixa potencialidade de uso destas espécies pelos moradores da comunidade em foco. Assim, uma variedade de plantas é cultivada nos quintais de Aroeiras, seja para finalidades estéticas, nutricionais, para terapêutica de enfermidades, sombreamento, para usos vinculados ao místico-simbólico, assim como para variados outras utilidades, tudo isto, graças ao conhecimento tradicional que permite tais interações entre o homem e as plantas a sua volta.

**Palavras chave:** Etnobotânica, categorias de uso, conhecimento tradicional.

## ABSTRACT

Ethnobotany can be defined as the study of the interaction between man and plants, can act as a link between academic knowledge and the traditional, where this, today, suffers an accelerated disappearance and once lost, it is unrecoverable. A variety of plants for varied purposes are grown in homegardens, one of the oldest ways of land management, but in Brazil, little attention has been given to these practices. Thus, this study aimed to survey the useful plants grown in homegardens by the residents of the rural community Aroeiras, municipality of Monsenhor Hipolito - Piauí, determine the categories of use of cultivated plants, identifying the species of greatest local importance, and outlining the member profile involved in the economic-research, so as to know and register the traditional local knowledge. The study was conducted through semi-structured interviews, using forms, in the period from February to May 2014, the family homes of the community. The selection of participants was done through the snow-ball, in which 71 individuals, above 18 years, were selected, where 10 of them were key informant method. Moreover, we also used the technique of guided tour through homegardens and concurrent with survey data was collected samples of plants cited, which were herborized by usual techniques of plant taxonomy and incorporated into the collection of the Herbarium of future Picos. Besides the systematization of the data, we calculated the value in use of the species. Of the 71 individuals interviewed, 87,32% were female. 188 species belonging to 68 botanical families, where the most representative were Fabaceae (18 spp.), Lamiaceae (10 spp.) and Araceae (9 spp.), and most species had herbaceous habit (41,49%). Regarding the types of use, ornamental was the most represented, followed by medicinal, food, production of shadow, magic-religious and other uses. Among the most versatile species *Anacardium occidentale* L. and *Cereus jamacaru* DC., the ones belonging to four categories of use. *Chenopodium ambrosioides* L. (VU = 3,96), *Aloe vera* Burm. f. (VU = 3,43) and *Ruta graveolens* L. (VU = 3,11) were the species that met the highest use values for the studied locality. In general, most plants (56,38%) has a low value in use, since they have the lowest value considered (1,00), which indicates a low potential use of these species by the residents of the community in focus. Thus, a variety of plants are grown in homegardens Aroeiras, whether for cosmetic, nutritional therapy for diseases, shading, to use mystic and to the symbolic as well as for various other uses, all this thanks to the traditional knowledge that allows such interactions between man and plants around them.

**Keywords:** Ethnobotany, categories of use, traditional knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Famílias mais representativas em número de espécies em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.....37
- Figura 2** – Porcentagem das espécies indicadas por categorias de usos da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. ....44
- Figura 3** – Distribuição em classes de valor de uso das espécies cultivadas em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. ....49

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** – Espécies cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI .. ....38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	16
2.1 Etnobotânica: uma abordagem conceitual e histórica .....	16
2.2 Usos das plantas pelo homem.....	18
2.3 O conhecimento tradicional.....	19
2.4 O cultivo de plantas pelo homem .....	20
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	23
<b>3 ARTIGO: Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil</b> .....	29
Resumo .....	30
Abstract.....	31
Introdução.....	32
Material e Métodos.....	33
Resultados e Discussão.....	37
Agradecimentos .....	51
Referências .....	51
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>APÊNDICES</b> .....	58
Apêndice A - Formulário para entrevistas.....	59
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	61
Apêndice C – Quintais observados na zona rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.....	62
Apêndice D – Espécies úteis cultivadas nos quintais de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.....	63
Apêndice E – Plantas úteis cultivadas nos quintais de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.....	64
<b>ANEXOS</b> .....	65
Apêndice A – Normas para submissão de trabalhos à revista Rodriguésia.....	66

# *Introdução*

---

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano sempre necessitou dos recursos botânicos para a sua sobrevivência e essa relação do homem com as plantas é definida como etnobotânica (CARDOSO; NASCIMENTO, 2008). Para Alcorn (1995), a etnobotânica se constitui como uma ciência que, atualmente, prima pelo registro a respeito das interações formadas entre as comunidades humanas e os vegetais de maneira contextualizada.

A humanidade reúne uma série de informações referentes ao ambiente que o cerca, podendo interagir com ele para suprir suas necessidades sobrevivenciais. Registrado neste acervo, encontra-se o conhecimento concernente ao meio vegetal, com quem as sociedades humanas fazem relação (AMOROZO, 1996).

Neste contexto, o estudo etnobotânico pode firmar-se como um elo entre o saber acadêmico e o conhecimento tradicional, uma vez que este saber pode levar à manutenção e ao uso sustentável do ambiente (STEENBOCK, 2006). Assim, a etnobotânica tem se ocupado com o resgate destes saberes, os quais foram reunidos e disseminados ao longo das gerações e que nos dias de hoje sofrem um acelerado processo de desaparecimento (XOLOCOTZY, 1983).

Informações acerca do conhecimento ecológico local, registradas por meio de estudos etnobotânicos, têm um papel significativo no que se refere ao resgate e à valorização da cultura local, de modo que, estes estudos, representam a oportunidade de integrar os saberes edificados por uma população tradicional aos conhecimentos acadêmicos sobre os fenômenos e processos naturais (MELO; LACERDA; HANAZAKI, 2008)

Miguel e Miguel (1999) afirmam que conhecimento sobre as plantas surgiu da necessidade de entender a interação entre o homem com o meio natural, com vistas ao seu benefício, procurando soluções às suas necessidades basais como alimentação, proteção e reprodução, descobrindo nos vegetais formas de tratamento de doenças.

Diversas são as utilidades das plantas para o ser humano, dentre elas, pode-se enfatizar: o uso na alimentação, através principalmente de seus frutos e sementes, bem como para a nutrição de outros animais, especialmente com suas folhas e frutos; para sombreamento, quando são árvores; construção de casas, móveis e ferramentas a partir das espécies madeiráveis, além da produção de carvão e lenha; o embelezamento do espaço através das flores; e com folhas, cascas e/ou raízes pode-se fazer chás para ajudar a curar inúmeras enfermidades (GALDINO JR. et al, 2003).

Os quintais desempenham culturalmente uma função preponderante na identidade dos indivíduos ou das comunidades, expressa, dentre outros, por meio do saber a respeito das plantas, assim como, das manifestações místico-religiosas (VAN HOLTHE, 2003).

Amaral e Guarim Neto (2008) põem em foco que os quintais representam uma das mais antigas maneiras de manejo da terra, acontecimento este que por si só já sugere sua sustentabilidade. Porém, mesmo representando um sistema de produção de inúmeras espécies, o qual tem fornecido e sustentado milhões de pessoas economicamente, uma pequena atenção científica tem sido dada este assunto.

Desta forma, este estudo volta-se, especificamente, para uma comunidade rural do semi-árido piauiense, cuja questão norteadora se constitui em saber: quais as plantas úteis cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI?

Posto que, urge a necessidade de buscar-se o conhecimento tradicional, resgatando-o, que nos dias de hoje sofrem um acelerado processo de desaparecimento, para assim conhecer e preservar a cultura local sobre o uso e cultivo de plantas. Ademais, este estudo colaborará para o enriquecimento da abordagem acadêmica no âmbito etnobotânico, além de contribuir com novas perspectivas de estudo na macrorregião de Picos - PI, suscitando novas pesquisas que possam ainda mais, registrar o saber-fazer das comunidades locais. Assim, este trabalho se justifica pela relevância do tema que ora se delimita: plantas úteis cultivadas em uma comunidade rural no município de Monsenhor Hipólito - Piauí.

Deste modo, o presente estudo está estruturado em três partes. A primeira consiste numa revisão de literatura sobre assuntos relevantes à pesquisa. A segunda parte traz um artigo que apresenta os resultados e discussão acerca do referido trabalho e, a terceira e última parte apresenta as considerações finais deste estudo.

*Revisão de Literatura*

---

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Etnobotânica: uma abordagem conceitual e histórica

Considerando Albuquerque (2005), a etnobiologia refere-se ao estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer cultura sobre o mundo vivo e os acontecimentos biológicos. Sendo este um campo de vasta magnitude, a etnobotânica insere-se no domínio mais amplo da etnobiologia.

A etnobotânica objetiva analisar as interações planta/homem coexistentes nos ecossistemas dinâmicos, com elementos de significação social e cultural (ALCORN, 1995), aliando simultaneamente, aspectos culturais e ambientais, visto que, analisa a inter-relação entre as pessoas e as plantas do seu entorno (ALBUQUERQUE, 2005).

Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) estendem o conceito, concebendo-a como o estudo das sociedades humanas, antigas e contemporâneas, e as suas interações ambientais, genéticas, culturais, simbólicas e evolutivas com os vegetais. Balick e Cox (1996) comentam que a etnobotânica aborda a maneira como o homem incorpora a flora em suas tradições culturais e práticas populares.

Yepes (1953), em sua definição, refere-a como a ciência etnológica que estuda a influência dos vegetais na cultura, bem como a ciência das interações entre o ser humano e as plantas, haja vista que esta influência seja mútua: a vegetação modifica a cultura e esta à vegetação, numa indefinida série de ações e reações.

A etnobotânica não é tão contemporânea quanto se pensa, sendo antiga em sua prática, contudo jovem em seu aspecto teórico, uma vez que, diferentes estudos evidenciam que sua história remonta as relações entre o homem e os vegetais, aos âmbitos da botânica aplicada e da etnografia botânica (BALICK; COX, 1996; HAMILTON et. al. 2003).

Convém enfatizar que, em consonância com Amorozo (1996), o termo etnobotânica foi usado formalmente pela primeira vez no ano de 1895, pelo botânico norte-americano John W. Harshberger e que, mesmo não tendo o definido, apontou formas pelas quais tal termo poderia ser de grande utilidade para a investigação científica, entendido inicialmente como o estudo dos vegetais utilizados por povos ditos primitivos ou aborígenes.

De acordo com Ford (1978), Aristóteles já descrevia sobre a utilização das plantas por populações humanas, assim como da existência de estudos sobre plantas úteis a populações humanas na Europa e na Ásia, todavia, foram os colonizadores das Américas que

desenvolveram relatos bastante detalhados a respeito do uso de vegetais por populações nativas. Neste sentido, a origem da etnobotânica confunde-se com o descobrimento do Novo Mundo (FORD, 1978).

Por outro lado, para Prance (1991), foi somente a partir dos trabalhos de Carl Linnaeus que tem-se início a história da etnobotânica, visto que seus diários de viagens apresentavam informações referentes às culturas visitadas, os costumes de seus moradores, bem como o modo de uso das plantas.

Entretanto, pressupõe-se que a gênese da etnobotânica coincide com o aparecimento da própria espécie humana, ou melhor, com o início dos primeiros contatos entre o homem e as plantas (SCHULTES; REIS, 1995)

Davis (1995) discute que a Etnobotânica é uma ciência que se originou a partir das numerosas observações de exploradores, missionários, naturalistas e botânicos, ao estudarem a utilização de plantas por comunidades do mundo todo.

Albuquerque (2005) aponta que esta ciência recebeu diferentes definições ao longo do tempo, onde cada uma reflete a formação acadêmica de seus propositores. Sendo uma área interdisciplinar, é comum que isto aconteça, haja vista que está situada no limiar entre a botânica e a antropologia cultural.

Ainda conforme Albuquerque (2005), para o americano Richard E. Schultes, a existência da etnobotânica ocorre desde o início da história escrita da humanidade e que só foi nos derradeiros cem anos que houve o reconhecimento da mesma como uma disciplina científica, além do que, nas últimas décadas, cresceu vertiginosamente como um ramo teórico e prático da botânica.

A etnobotânica durante muitos anos, de acordo com Almeida (2001), considerou apenas os aspectos específicos do uso de plantas por indígenas, passando em seguida a dedicar-se à pesquisa entre outros grupos humanos.

Ressalte-se que ela vem, cada vez mais nos últimos anos, despertando o interesse de pesquisadores, pois suas implicações ideológicas, ecológicas, biológicas e fisiológicas dão uma relevância expressiva ao seu crescente progresso metodológico e conceitual (JORGE; MORAIS, 2003).

E atualmente, ela é uma disciplina que estimula o resgate do conhecimento tradicional, a preservação da flora e o desenvolvimento dentro da sustentabilidade, notadamente nos países tropicais e subtropicais, cujas populações das áreas rurais dependem em parte das plantas e dos seus produtos para se manterem. Assim, neste sentido, tal disciplina constitui um elo entre o saber popular e o científico (HAMILTON et al. 2003).

## 2.2 Usos das plantas pelo homem

A inter-relação entre os seres humanos e o meio vegetal é tão antiga quanto à própria humanidade, influenciando intensamente a cultura e os modos de vida dos povos ao longo do tempo. As plantas proporcionam grandes possibilidades para a sobrevivência do homem, podendo ser utilizadas de diversas formas: medicinal, alimentar, madeira, ornamental, entre outros (STRACHULSKI; FLORIANI, 2013).

O homem é e sempre foi dependente do uso dos recursos vegetais para a sua sobrevivência. Essa utilização vai desde as necessidades mais basais, tais como alimento e medicina, até para finalidades mágicas, ritualísticas e simbólicas. Entretanto ele não é só dependente, mas também manipulador de paisagens, e responsável por uma parte da coevolução com as plantas (BOSCOLO, 2013). Albuquerque (1997) também argumenta que os homens são dependentes dos vegetais como recursos imprescindíveis a sua sobrevivência e que as diferentes culturas apresentam um saber tradicional quanto à utilização de plantas para os mais diversos fins.

Os seres humanos coexistem de maneira natural com os vegetais, explorando suas potencialidades para suprir as suas necessidades, seja no aspecto alimentício, medicinal, para a construção, dentre vários outros usos (ANDRADE; MARQUES; ZAPII, 2006). Balick e Cox (1996) também afirmam que a utilização das plantas ocorre para as mais variadas finalidades, tais como: alimentação, confecção de vestimentas, abrigo, medicina, e que estas por sua vez, representam uma das bases da cultura da humanidade.

Costa (2008) ressalta que além de determinante na manutenção da vida como alimento, utensílio e abrigo, a beleza das plantas já causou admiração e espanto aos homens. O aspecto terapêutico das plantas, envolto em mitos, na antiguidade, inspirou os curandeiros e feiticeiros a perseguir o conhecimento relativo ao domínio e aplicação das ervas, pois, essa seria uma forma de conquistar o poder.

Considerando Oliveira e Trovão (2009), dentro da pluralidade da utilização de plantas, pode-se destacar a prática de uso de vegetais por rezadores, usualmente católicos, que em cujos rituais de rezas e benzeduras, integram o uso de certo vegetal para finalidades de ações terapêuticas nos processos ritualísticos.

Van Leeuwen e Gomes (1995) ao caracterizarem os pomares caseiros como sistemas tradicionais de aproveitamento das áreas entorno das residências, ressaltam a utilização das espécies vegetais para múltiplos fins e serviços, a saber: produção de alimentos, lenha,

artesanato, remédios, tintura, ornamentação, perfumaria, sombreamento, forragem, dentre outros.

### **2.3 O conhecimento tradicional**

Amorozo (2002) discute que as populações locais, geralmente, possuem uma proximidade muito grande com o ambiente a sua volta. Isto acontece, dentre outras razões, pela necessidade de explorar recursos do meio que serão usados para as mais diferentes finalidades, sendo que estas populações apresentam geralmente um elevado conhecimento sobre o ambiente.

Percebendo-se a atual relação entre a sociedade e a natureza, considera-se de grande relevância a compreensão e a documentação de como as comunidades locais compreendem o ambiente a sua volta e, por meio de seu conhecimento secular, de como interagem com o mesmo, pois uma vez perdido, o saber oriundo das populações locais se torna irrecuperável (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Da mesma forma, Guarim Neto e Morais (2003) adverte que os recursos naturais, caso extintos, não mais se encontrarão disponíveis para as gerações posteriores.

O conhecimento tradicional pode ser compreendido como o conjunto de conhecimentos e saber-fazer sobre o meio natural, bem como a respeito do mundo sobrenatural, repassado oralmente ao longo das gerações, onde, somente pode ser analisado e interpretado de maneira correta considerando a situação cultural em que é originado (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

É pertinente salientar que, segundo Amorozo (1996), a transmissão oral de conhecimento está relacionada à convivência direta dos indivíduos mais jovens com os mais velhos, o que exige um contato familiar prolongado e intenso entre as diferentes gerações. Porém, em muitas regiões esse convívio é inexistente, posto uma modificação de valores, especialmente por parte dos jovens que passaram a ver o conhecimento local como algo depreciativo e retrógrado (AMOROZO, 1996).

O conhecimento tradicional durante muito tempo foi desvalorizado pelos cientistas. A valorização deste conhecimento por parte dos etnobiólogos e etnoecólogos está gerando alternativas para os padrões correntes, com efeitos favoráveis para o saber científico (POSEY, 1987). Determinados autores inferem que o conhecimento tradicional pode ser complemento

do conhecimento científico ao prover experiências práticas pela vivência nos ecossistemas e assim, responder a mudanças nestes ecossistemas (BERKES et al., 1998; HANAZAKI, 2002).

#### **2.4 O cultivo de plantas em quintais**

Tanto o cultivo de plantas como a criação de animais em quintais são atividades que são exercidas há vários milênios. O homem vem cultivando e assim, conseqüentemente, escolhendo as espécies de plantas que melhor convém ao seu uso (RIBEIRO, 2009). Conforme Kumar e Nair (2004) uma diversidade de espécies vegetais são cultivadas para diferentes finalidades nos quintais urbanos, periurbanos e agroflorestais, como para o uso ornamental, artesanal, paisagístico, fonte de fibra, de sombra para o melhoramento do microclima, uso mágico e, especialmente, plantas para uso alimentar e medicinal.

A formação de quintais tem-se estabelecido como uma determinante estratégia de subsistência desde o Neolítico, quando o homem deixou somente de colher os alimentos da natureza, passando a também desenvolver atividades de cultivo de hortas, bem como a domesticação de animais. Suas funções vêm desenvolvendo-se de acordo com a agricultura e os costumes de cada região, possibilitando a existência de uma grandeza de recursos que contribuem tanto para o sustento quanto para a qualidade de vida de vários núcleos familiares (NASCIMENTO; ALVES; MOLINA, 2005).

No Brasil, de acordo com Brito e Coelho (2000), o termo quintal é empregado para fazer referência ao terreno localizado no entorno da residência, determinado na maioria das vezes como a porção de terra adjacente à casa, cujo acesso é cômodo e fácil, no qual se cultivam várias espécies que fornecem parte das necessidades relacionadas à alimentação da família, além de outros produtos como lenha e plantas medicinais. Semelhantemente, Posey (1987) coloca que a palavra “quintal” indica terrenos próximos aos domicílios, onde são cultivadas, comumente, plantas úteis ou decorativas.

Van Holthe (2003) destaca que os quintais domésticos, incluindo-se os quintais urbanos, referem-se aos espaços externos aos domicílios, entretanto, no interior do perímetro territorial da propriedade, podendo conter elementos como o pomar (árvores frutíferas), o jardim (plantas ornamentais), a horta e as criações de animais domésticos, podendo funcionar como espaço de lazer, de produção, além de poder propiciar o convívio social.

De acordo com Ferreira e Castilho (2007), os quintais são considerados como espaços muitas vezes imperceptíveis, no entanto que podem servir como fonte alternativa de alimentação para a família ou até mesmo como a única fonte de frutas, verduras e temperos.

O grande número de espécies que são encontradas nos quintais e as interações formadas entre os seus mantenedores, atendem necessidades sociais, econômicas e culturais, características daquele grupo envolvido. De maneira mais ampla, essas interações levam à conservação biológica, assim como o sequestro do carbono, dentre outros benefícios (KUMAR; NAIR, 2004).

Para famílias de localidades rurais, os quintais podem ser considerados como importantes sistemas de produção os quais são complementares às outras maneiras de uso da terra, como a roça e a floresta, compreendendo benefícios tangíveis, como o cultivo de espécies alimentícias e a extração de matérias-primas, e benefícios que são difíceis de mensurar, que são relacionados a aspectos estéticos, de lazer, bem como aos valores emocionais atrelados a sua cultura e tradições (GARROTE, 2004; LOK, 1996).

## *Referências*

---

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia**, vol. 78, n. 3, p. 60-64, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, São Paulo, v.16, n.3, p.273-285, 2002.

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge: Timber Press, 1995. p. 23-39.

ALMEIDA, C. F. C. B. R. **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco**: um estudo de caso no Agreste. 2001. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo multidisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M. **A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade**. In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p.

ANDRADE, C. T. S.; MARQUES, J. G. W.; ZAPII, D. C. Utilização de cactáceas por sertanejos baianos. Tipos conexivos para definir categorias utilitárias. **Sitientibus Série Ciências Biológicas (Etnobiologia)**, v. 6, p. 3-12, 2006.

BALICK, M.J.; COX, P.A. **Plants, people and culture: the science of ethnobotany**. New York: Scientific American Library, 1996.

BERKES, F.; KISLALIOGLU, M.; FOLKE, C.; GADGIL, M. 1998. Exploring the basic ecological unit: ecosystem-like concepts in traditional societies. **Ecosystems**, v.1, p. 404-415, 1998.

BOSCOLO, O. H.. Para comer, para beber ou para remédio? Categorias de Uso múltiplo em Etnobotânica. **Cadernos UniFOA**- Edição Especial Ciências da Saúde e Biológicas, v.1, p.61-67, 2013.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.

CARDOSO, M. C.; NASCIMENTO, S. **Etnobotânica e os Templos Umbandistas**. 2008. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia Umbandista, São Paulo, 2008.

COSTA, V. F. **A origem da fitoterapia na humanidade e a recente aplicação em animais selvagens**.2008. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós Graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Selvagens e Exóticos) - Universidade Castelo Branco, Brasília, 2008.

DAVIS, E. W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V.(Eds.). **Ethnobotany evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press, 1995. p. 40-51.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Orgs.) **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. (Biodiversidade 4).

FERREIRA, R. J.; CASTILHO, C. J. M. 2007. Agricultura urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial. **Revista da Geografia**, v. 24, n. 2, p. 6-23, 2007.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, 2004.

FORD, R.I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. In: FORD, R.I.; HODGE, M.; MERRIL, W.L. (Eds.). **The nature and status of ethnobotany**. Michigan: Museum of Anthropology, University of Michigan. Anthropological Papers 67, 1978, p. 33-49.

GALDINO JÚNIOR, A.; ARAÚJO, B.; GAMARRA-ROJAS, C.; DALCIN, E.; CRUZ, L. H. V.; CORDEIRO, S. **Árvores Úteis**. Programa Plantas do Nordeste. Recife: Centro Nordestino de Informações sobre Plantas – CNIP, 2003

GARROTE, V. **Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do saco do mamaguá, Paraty-RJ**. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GUARIM NETO, G; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botânica Brasilica**, v. 17, n. 4, p. 561- 584, 2003.

HAMILTON, A. C.; SHENGJI, J.; KHAN, A. A.; LAGOS-WITTE, S.; SHINWARI, Z. K. **The purposes and teaching of Applied Ethnobotany**. People and Plants working paper 11. WWF, Godalming, UK. 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001458/145847e.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2013.

HANAZAKI, N. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C.; SILVA, A. C. B. L.; SILVA, V. A. (Eds.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002. p. 17-25.

JORGE, S. S. A.; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M.F. B.; COSTA JUNIOR, P.; DOMBROSKI, J. L. D. (Orgs.) **Diversos olhares em Etnobotânica, Etnoecologia e Plantas Medicinais**. Anais do I Seminário Mato Grossense de Etnobiologia e Etnoecologia e II Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais. Cuiabá: UNICEN, 2003. p.89-98.

KUMAR, B.M.; NAIR, P.K.R. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v.61, p.135–152, 2004

LOK, R. **Huertos tradicionales de América Central**: características, benefícios e importancia, desde um enfoque multidisciplinario. Turrialba, Costa Rica: CATIE/AGUILA/ IDR/ETC, 1998.

MELO, S.; LACERDA, V.D.; HANAZAKI, N. Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do Pântano do sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, vol 59, n. 4, p. 799-812, 2008.

MIGUEL, M. D.; MIGUEL, O. G. **Desenvolvimento de fitoterápicos**. São Paulo: Probe Editorial, 1999.

NASCIMENTO, A. P. B.; ALVES, M. C.; MOLINA, S. M. G. Quintais domésticos e sua relação com estado nutricional de crianças rurais, migrantes e urbanas. **Revista Multiciência**, n. 5, p. 35-49, 2005.

OLIVEIRA, E. C. S; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, vol. 7, n.3, p. 245-251, 2009.

POSEY, D. A. **Suma etnológica brasileira**. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes/ FINEP, v. 1, 1987.

PRANCE, G. T. What is ethnobotany today ? **Journal of Ethnopharmacology**, v.32, p. 209-216, 1991.

RIBEIRO, T. M. **Etnobotânica de Quintais Tradicionais da Planície Costeira do Campeche (Florianópolis/SC)**.2009. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SCHULTES, R.E.; REIS, S.V. (Eds.). **Ethnobotny: evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press, 1995.

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R.; BASSI, J. B.; SOUZA, G. C.; ALENCAR, N. L.; MEDEIROS, P. M.; ALBUQUERQUE, U. P. (Orgs.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NUPPEA: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. p. 65-84.

STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de Linha Criciumal, em Cândido de Abreu-PR. **Revista Geografar**, Curitiba, v.8, n.1, p.125-153, 2013.

VAN HOLTHE, J. M. O. Quintais urbanos de Salvador: realidades, usos e vivências no séculoXIX. **Cadernos 2**, p. 61-74, 2003. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/viewFile/1403/887>>. Acesso em 04 Jun. 2014;

VAN LEEUWEN, J.; GOMES, J. B. M. **O pomar caseiro na Região de Manaus, Amazonas, um importante sistema agroflorestal tradicional**. In: II Encontro da sociedade brasileira de sistemas de produção, Londrina, p. 180-189, 1995.

XOLOCOTZY, E. H. El concepto de Etnobotánica. In: BARRERA, A. (Ed.). **La Etnobotánica: Trespuntos de vista y una perspectiva**. Xalapa: Veracruz. Instituto Nacional de Investigacionessobre Recursos Bióticos. 1983. p. 13-18.

YEPES, S. Introducción a la etnobotánica colombiana. **Publicación de la Sociedad Colombiana de Etnología**, v. 1, p. 1-48, 1953.

*Artigo*

---

A ser enviado à revista *Rodriguésia*

**3 ARTIGO: Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil**

Paulo Henrique da Silva<sup>1,3</sup>

Maria Carolina de Abreu<sup>2</sup>

<sup>1, 2</sup>Universidade Federal do Piauí, Departamento de Biologia, Campus Universitário Senador Helvídio Nunes de Barros, Rua Cícero Eduardo, s/n – Bairro Junco, Picos-PI.

<sup>3</sup>Autor para correspondência: paulohenriquemh1@gmail.com

## Resumo

(Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil) Este estudo direcionou-se a inventariar as plantas úteis cultivadas em quintais na comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI, determinar as categorias de uso, bem como delinear o perfil socioeconômico dos envolvidos na pesquisa, para assim conhecer e registrar o conhecimento tradicional local. O trabalho de campo foi realizado de fevereiro a maio de 2014, mediante entrevistas semi-estruturadas, fazendo uso do método bola-de-neve para a seleção dos participantes. Utilizou-se também a técnica da turnê-guiada pelos quintais e, simultâneo ao levantamento de dados, foram coletados amostras das plantas citadas, as quais foram herborizadas segundo técnicas usuais em taxonomia vegetal, onde o sistema de classificação APG III foi o adotado. Dos 71 indivíduos entrevistados, 87,32% pertencem ao sexo feminino. Foram levantadas 188 espécies, pertencentes a 68 famílias, onde as mais representativas foram a Fabaceae e Lamiaceae. Quanto às categorias de uso, a ornamental, medicinal e alimentar foram as mais representativas. *Chenopodium ambrosioides* (VU=3,96), *Aloe vera* (VU=3,43) e *Ruta graveolens* (VU=3,11) foram as espécies em que se encontrou os maiores valores de uso para a localidade estudada.

**Palavras chave:** Categorias de uso, comunidade de Aroeiras, conhecimento tradicional, plantas ornamentais.

**Abstract**

(An ethnobotanical approach about useful plants grown in homegardens in a rural community of a semiarid region in Piauí, Northeast Brazil). This study was directed to catalogue the useful plants grown in homegardens in the rural community Aroeiras, municipality of Monsenhor Hipólito - PI, determine their categories of use, and outlining the socioeconomic profile of the people involved in such a research, so know and record the traditional local knowledge. The fieldwork was conducted from February to May 2014, through semi-structured interviews, using the snow-ball method for the participants selection. It was also used the technique of guided excursions by homegardens and simultaneously with data collection, samples were collected from plants mentioned, which were herborized by usual techniques of plant taxonomy, where APG III classification system was adopted. From the 71 interviewed individuals, 87,32% were female. 188 species belonging to 68 families, in which the most significant were the Fabaceae and Lamiaceae. Regarding the types of use, ornamental, medicinal and food were the most representative. *Chenopodium ambrosioides* (VU = 3,96), *Aloe vera* (VU = 3,43) and *Ruta graveolens* (VU = 3,11) were the species that met the highest use values for the studied locality.

**Keywords:** Categories of use, Aroeiras community, traditional knowledge, ornamentals.

## Introdução

A Etnobotânica aparece como o campo interdisciplinar que envolve o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora (Caballero 1979), se consolidando como uma ferramenta relativamente barata de pesquisa que favorece a interação do homem com a extensa diversidade vegetal, que por sua vez, contribui significativamente no tratamento das enfermidades humanas, em padrões de alimentação e até mesmo nos rituais religiosos (Franco *et al.* 2011).

Na percepção de habitantes de diversas regiões, o estudo de quintais, sobretudo tropicais, assume uma importância no mundo atual, principalmente por se tratar de espaços de conservação e demonstração de saberes acumulados ao longo do tempo, atravessando gerações (Novais 2011). Albuquerque & Andrade (2002a) destacam que conhecer a maneira como as populações locais se relacionam e usam os recursos naturais pode servir de embasamento para a construção de um saber científico melhor às condições locais.

Os estudos etnobotânicos são importantes, uma vez que permitem avaliar de que maneira os habitantes reúnem conhecimentos trazidos de seus locais de origem e como são transmitidos para as novas gerações (Cavalcante & Silva 2014). Strachulski & Floriani (2013) acrescentam que pesquisas de cunho etnobotânico têm apontado uma grande série de classificações e taxonomias nativas sobre elementos vegetais locais. Os quais são utilizados por moradores de diferentes localidades para inferir a respeito da qualidade, potencial e limitações dos recursos, assim como da ligação destes com o mítico, o imaginário, suas crenças e anseios consolidados na forma de práticas produtivas e simbólicas (Strachulski & Floriani 2013).

Uma elevada diversidade de espécies de plantas, com múltiplas finalidades, são cultivadas nos quintais, usadas tais como para construção, artesanato, combustível,

ornamental, fibra, produção de sombra, religião e medicina (Albuquerque *et al.* 2005). Todavia, embora seja notável a importância dos quintais sob múltiplos aspectos, pouca atenção ainda tem sido dada a estas práticas, especialmente no Brasil (Florentino *et al.* 2007).

O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é amplo, sendo em muitos casos, o único recurso acessível de uma população rural de países em desenvolvimento (Pasa *et al.* 2005), entretanto, uma vez perdido, este conhecimento oriundo da cultura popular se torna irrecuperável (Albuquerque & Andrade 2002a).

Com base nestes aspectos, o presente estudo objetivou inventariar as plantas úteis cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito – Piauí, alocar as espécies citadas em categorias segundo utilidade, identificando as espécies de maior importância local, bem como delinear o perfil socioeconômico dos envolvidos na pesquisa, para assim conhecer e registrar o conhecimento tradicional local.

## **Material e Métodos**

### **Caracterização da área de estudo**

O município de Monsenhor Hipólito-PI está centrado na microrregião de Pio IX, localizado geograficamente às coordenadas de 06°59'47" de latitude sul e 41°01'47" de longitude oeste de Greenwich, limitando áreas ao norte com o município de Pio IX, ao sul com Campo Grande do Piauí, com Francisco Santos a oeste e, ao leste com Alagoinhas do Piauí e Campo Grande do Piauí, distando cerca de 369 Km da capital Teresina (Aguiar & Gomes 2004). Consoante dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010), o município apresenta uma área de unidade territorial de 401,33 km<sup>2</sup> onde está inserida uma população de 7391 habitantes.

No que se alude aos aspectos morfoclimáticos, a sede do município encontra-se a uma altitude de 257 m acima do nível do mar, apresentando temperaturas mínimas de 25 °C e máximas de 38 °C (Aguiar & Gomes 2004), com ocorrência de um clima tropical semiárido e quente.

Conforme Jacomine *et al.* (1986), os solos da região são derivados da alteração de arenitos, folhelho, conglomerado e siltito, compreendendo solos litólicos, álicos e distróficos, de textura média, pouco desenvolvidos, rasos a muito rasos, fase pedregosa, com floresta caducifólia e/ou floresta sub-caducifólia/cerrado. Em associação com estes, ocorrem solos podzólicos vermelho-amarelos, textura média a argilosa, fase pedregosa e não pedregosa, com misturas e transições vegetais, floresta sub-caducifólia/caatinga. De forma secundária, ocorrem areias quartzosas, que abrangem solos arenosos essencialmente quartzosos, profundos, drenados, desprovidos de minerais primários, de baixa fertilidade, com transições vegetais, fase caatinga hiperxerófila e/ou cerrado sub-caducifólio/floresta sub-caducifólia.

A área foco do estudo, a comunidade rural de Aroeiras, dista cerca de 13 Km da sede do município e é organizada basicamente no grupo familiar, apresentando 127 domicílios com 735 pessoas aproximadamente, conforme dados do Programa de Saúde da Família. A comunidade apresenta fácil acesso e uma ampla distribuição, sendo cortada pelas rodovias Benedito Joaquim de Carvalho (PI-229) e pela rodovia federal Juscelino Kubistchek BR-020. Os moradores locais sobrevivem basicamente da agricultura baseada na produção sazonal de feijão, milho e mandioca, bem como da colheita do caju.

### **Coleta de dados**

Este estudo foi delineado como descritivo, de abordagem quali-quantitativa, cujo trabalho de campo foi realizado no período de fevereiro a maio de 2014, através de visitas em dias irregulares (laborais e em finais de semana) nos domicílios familiares da comunidade rural de Aroeiras, mediante entrevistas semi-estruturadas utilizando-se como ferramenta

formulários contendo questões abertas (open-ended) e fechadas (closed-ended) (Albuquerque *et al.* 2010), contemplando aspectos sócio-econômicos bem como informações etnobotânicas sobre as plantas úteis cultivadas nos respectivos quintais.

Ressalte-se que, para finalidades deste estudo, o jardim também foi considerado parte integrante do quintal (Van Holthe 2003), cujo é composto principalmente por plantas ornamentais e, toda a área externa à casa com plantas cultivadas em vasos ou diretamente na terra (Trotta *et al.* 2012).

Os espécimes citados foram alocados nas seguintes categorias de uso: alimentar (compreendendo as condimentares), medicinal, ornamental, mágico-religioso, produção de sombra e outros usos, aqui incluindo-se um conjunto de finalidades citadas ocasionalmente como, madeireiro (construção e combustível), forragem, tóxicas, entre outras.

Um total de 71 quintais foram pesquisados, compreendendo uma amostra de 71 entrevistados: 9 homens e 62 mulheres. Apenas um indivíduo por domicílio/quintal foi tomado no estudo.

A seleção dos envolvidos na pesquisa, que foram homens e mulheres acima de 18 anos de idade detentores de conhecimentos acerca do uso e cultivo de plantas úteis, foi feita através da amostragem não-probabilística “bola de neve” (snowball) (Bailey 1994), em que um informante indica uma ou mais pessoas que ele acredita ser dotada de experiência no assunto abordado. Do universo de entrevistados, 10 deles foram caracterizados como informantes-chave, indicados inicialmente pelas agentes de saúde locais, pessoas com as quais houve o primeiro contato na comunidade.

Utilizou-se também a técnica da turnê-guiada, na qual cada informante foi convidado a fazer uma caminhada pelo quintal durante a entrevista, fornecendo as informações específicas acerca das plantas presentes nos quintais (Albuquerque & Lucena 2004).

Junto ao trabalho de levantamento de informações, coletou-se amostras férteis das plantas citadas pelos entrevistados, sempre realizando registro fotográfico das mesmas. As informações pertinentes dos vegetais coletados foram registradas em diário de campo. Os espécimes coletados foram herborizados segundo as técnicas propostas por Mori *et al.* (1989). O material botânico processado e identificado, consoante literatura especializada, foi incorporado ao acervo do futuro Herbário de Picos assim como duplicatas foram enviadas para o acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB). Através da base de dados do sítio do Missouri Botanical Garden ([www.tropicos.org/Name](http://www.tropicos.org/Name)) e de acordo com o site do The International Plant Names Index ([www.ipni.org](http://www.ipni.org)), foram feitas as correções dos nomes dos táxons, assim como, foram adquiridas as abreviaturas dos nomes dos autores. O sistema taxonômico aqui adotado foi o APG III (The Angiosperm Phylogeny Group 2009).

### **Análise dos dados**

Quanto à sistematização dos dados obtidos, estes foram tabulados e organizados em planilhas eletrônicas do Microsoft Excel 2010, para que assim pudesse-se proceder à análise quantitativa da gama de informações. Para estes dados foi efetuada a estatística descritiva através de frequências absolutas e percentuais.

Ademais, calculou-se o Valor de Uso ( $VU = \Sigma U/n$ , onde, VU = Valor de Uso, U = número de citações da etnoespécie por informante, n = número de informantes que citaram a etnoespécie) das espécies, empregando a técnica sugerida por Phillips & Gentry (1993 a,b) e Phillips *et al.* (1994), modificada por Rossato (1996), onde a importância de uma espécie vegetal é dada pelo número de usos representado por ela, o que indica então a importância local da espécie diante da concordância das informações sobre ela citadas nas entrevistas.

## **Resultados e Discussão**

### **Perfil socioeconômico**

Delineando inicialmente o perfil socioeconômico dos indivíduos envolvidos neste estudo, para assim compreender os aspectos dinâmicos em que tal comunidade está inserida, dos 71 indivíduos entrevistados, mais de 3/4 são pertencentes ao sexo feminino (87,32%). Para a variável idade, 73,24% apresentam idade igual ou superior a 41 anos, sendo a faixa etária mais expressiva a compreendida entre 61 a 70 anos, que corresponde a 23,94% da amostra total.

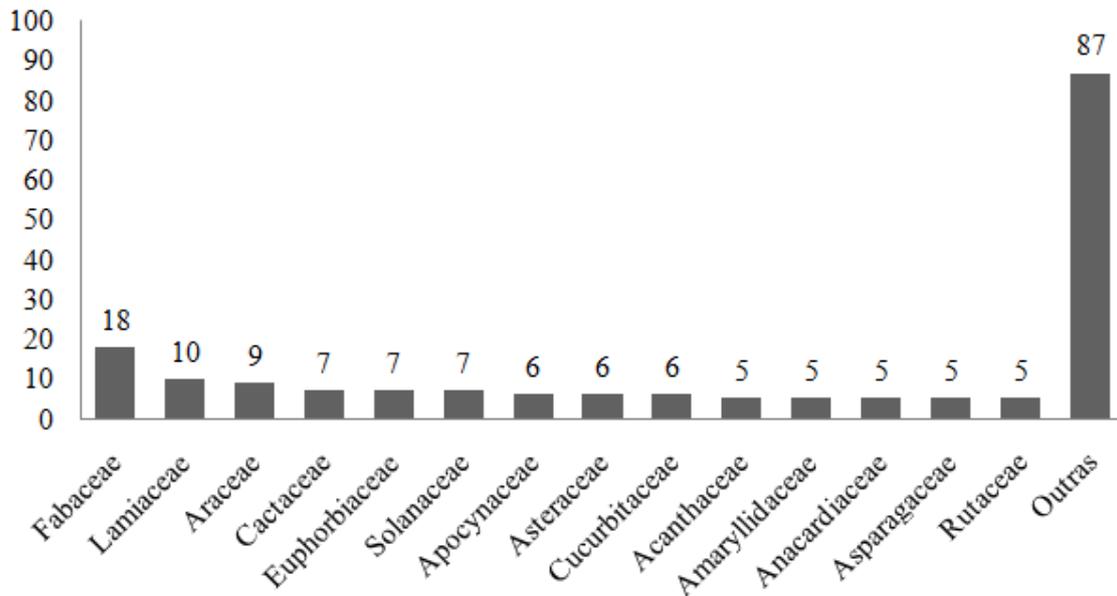
No que se refere ao estado civil, 71,83% são casados; 5,63% apresentam união estável; 9,86% são solteiros e 12,68% são viúvos. Quanto à profissão, 95,77% denominam-se de agricultores, onde destes, 33,80% já são aposentados ou pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). No que se refere a escolaridade, os indivíduos que apresentam Ensino Fundamental Incompleto são os de maior número (45,07%), seguido os analfabetos com 32,39%. Em relação à moradia, foi quase unânime os entrevistados mencionarem que residiam em casa própria (98,59%), posto que apenas 1 indivíduo residia em casa cedida por terceiros. Na maior parte dos domicílios ocorriam 4 residentes (39,44%).

Referindo-se ao tempo de vivência dos entrevistados na comunidade, somente 18,31% deles viviam no local desde que nasceram; a maior parte vivia a um período superior a 10 anos (60,56%). E, quanto a renda familiar dos indivíduos tomados neste estudo, sobressai a renda de um salário-mínimo (39,44%).

### **Florística dos quintais**

Com relação ao levantamento florístico dos quintais pesquisados, foram levantadas 188 espécies, cuja uma foi identificada apenas em nível de família e 19 até o nível de gênero,

as quais são pertencentes a 68 famílias taxonômicas (Tab. 1). As famílias mais representativas em relação ao número de espécies foram Fabaceae (18 ssp.), Lamiaceae (10 ssp.), Araceae (9 ssp.), Cactaceae, Euphorbiaceae e Solanaceae (7 ssp.), conforme evidencia-se na Figura 1. Outras 30 famílias estão representadas apenas por uma espécie e 16 por duas.



**Figura 1** – Famílias mais representativas em número de espécies em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.

Semelhantemente, Aguiar (2009) pesquisando quintais rurais no município de Demerval Lobão no Piauí, registrou a família Fabaceae como a mais bem representada em riqueza de espécies, seguida de Euphorbiaceae, Asteraceae e Lamiaceae, dentre outras, famílias as quais também se destacaram neste estudo. Em Franco & Barros (2006), Silva & Andrade (2005) a família Fabaceae foi a que liderou em número de espécies. Já, na pesquisa de Albuquerque & Andrade (2002b) a de maior evidência foi a família Euphorbiaceae.

Quanto ao hábito de vida, as espécies se distribuem nos seguintes aspectos botânicos: herbáceo (41,49%), arbustivo (24,47%), arbóreo (21,28%), subarbustivo (9,57%) e trepadeira (3,19%). Carniello *et al.* (2010), Chaves & Zanin (2012) e Liporacci & Simão (2013) reportam também a predominância das espécies herbáceas.

**Tabela 1** – Espécies cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. Convenções: H=Hábito: arv=árvore, her=herbáceo, arb=arbusto, sub=subarbusto e trep=trepadeira; VU=Valor de Uso; CU=Categorias de Uso: 1=alimentar, 2=medicinal, 3=mágico-religioso, 4=ornamental, 5=produção de sombra, 6=outros usos.

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>ACANTHACEAE</b>				
Indeterminada	novalgina	her	2	2,50
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	chá-preto	her	2	1,66
<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leon.	anador	her	2	1,66
<i>Justicia</i> sp.	abre-caminho	arb	2 e 4	1,83
<i>Pseuderanthemum carruthersii</i> (Seem.) Guillaumin	-	arb	4	1,00
<b>AIZOACEAE</b>				
<i>Aptenia cordifolia</i> (L. f.) Schwantes	-	her	4	1,00
<b>AMARANTHACEAE</b>				
<i>Celosia cristata</i> L.	breço	her	4	1,00
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	her	2	3,96
<b>AMARYLLIDACEAE</b>				
<i>Allium fistulosum</i> L.	cebolinha, cebola	her	1	1,00
<i>Crinum</i> sp.	açucena	her	4	1,00
<i>Hymenocallis caribaea</i> (L.) Herb.	chorão-de-noivo	her	4	1,00
<i>Hymenocallis littoralis</i> (Jacq.) Salisb.	língua-de-sogra	her	4	1,00
<i>Zephyranthes candida</i> (Lindl.) Herb.	-	her	2 e 4	2,00
<b>ANACARDIACEAE</b>				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	arv	1, 2, 5 e 6	2,06
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	arv	1 e 5	1,45
<i>Spondias purpurea</i> L.	siriguela	arv	1 e 2	1,35
<i>Spondias</i> sp.	imbu-cajá	arv	1 e 5	1,80
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	imbu	arv	1, 2 e 5	1,88
<b>ANNONACEAE</b>				
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	arv	1 e 2	1,45
<i>Annona squamosa</i> L.	ata	arv	1	1,00
<b>APIACEAE</b>				
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro, cheiro-verde	her	1 e 2	1,26
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	her	1	1,00
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	her	2	2,00
<b>APOCYNACEAE</b>				
<i>Allamanda cathartica</i> L.	alamanda	arb	4	1,00
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	bom-dia, boa-noite	sub	4	1,00
<i>Ervatamia coronaria</i> (Jacq.) Stapf	lírio-de-são-josé	arb	4	1,00
<i>Nerium oleander</i> L.	espirradeira	arb	4	1,00
<i>Plumeria rubra</i> L.	jasmim	arv	4	1,00
<i>Thevetia peruviana</i> K. Schum	dedal-de-ouro	arv	4 e 5	1,50
<b>ARACEAE</b>				
<i>Alocasia cucullata</i> (Lour.) G. Don	-	her	4	1,00

Continua

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>ARACEAE</b>				
<i>Alocasia macrorrhizos</i> (L.) G. Don	bananeira-de-salão	her	4	1,00
<i>Alocasia</i> sp.	coração-de-estudante	her	4	1,00
<i>Anthurium andraeanum</i> Linden	flor-de-jorge-tadeu	her	4	1,00
<i>Caladium x hortulanum</i> Birdsey	coração-de-mãe	her	4	1,00
<i>Dieffenbachia</i> sp.	comigo-ninguém-pode	her	4 e 6	1,18
<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	cara-de-cavalo	her	4	1,00
<i>Philodendron</i> sp.	fonte	her	4	1,00
<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Dryand. ex Sims) Schott	copo-de-leite	her	4	1,00
<b>ARALIACEAE</b>				
<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms	espada	arb	4	1,00
<b>ARECACEAE</b>				
<i>Cocos nucifera</i> L.	coco	arv	1 e 2	1,31
<i>Copernicia prunifera</i> (Miller) H.E.Moore	carnaúba	arv	1, 4 e 6	2,50
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti	arv	1	1,00
<b>ASPARAGACEAE</b>				
<i>Agave angustifolia</i> Haw.	agave	her	4	1,00
<i>Agave</i> sp.	agave	her	4	1,00
<i>Asparagopsis setaceae</i> Kunth	milindro	her	4	1,00
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	espadinha	her	4	1,00
<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N. E. Br.	espada-de-são-jorge	her	3 e 4	1,93
<b>ASTERACEAE</b>				
<i>Artemisia alba</i> Turra.	vique	sub	2 e 4	2,00
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão, aguinha	her	2	2,00
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	her	4	1,00
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	her	1	1,00
<i>Veronia condensata</i> Baker	boldo-do-chile	arb	2	1,00
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	cravo	her	4	1,00
<b>BALSAMINACEAE</b>				
<i>Impatiens balsamina</i> L.	maravilha	her	4	1,00
<b>BIGNONIACEAE</b>				
<i>Crescentia cujete</i> L.	coité	arv	6	1,00
<i>Tabebuia</i> sp.	ipê	arv	4 e 5	2,00
<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	ipêzinho	arv	4	1,00
<b>BIXACEAE</b>				
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum, corante	arb	1	1,00
<b>BORAGINACEAE</b>				
<i>Cordia abyssinica</i> R. Br.	cola	arv	5	1,00
<i>Symphytum officinale</i> L.	confrei	her	2	1,00
<b>BRASSICACEAE</b>				
<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	her	1	1,00
<b>BROMELIACEAE</b>				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	her	1 e 2	1,70

Continua

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>BURSERACEAE</b>				
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	imburana	arb	2 e 5	3,00
<b>CACTACEAE</b>				
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	mandacaru	arb	1, 2, 3 e 4	1,42
<i>Echinopsis</i> sp.	panta	her	3 e 4	1,57
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb	coroa-de-frade	her	3 e 4	1,61
<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	palma	her	6	1,00
<i>Opuntia</i> sp.	quipazinho	her	4	1,00
<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	-		4	1,00
<i>Pilosocereus polygonus</i> (Lam.) Byles & G.D. Rowley	xique-xique	her	3 e 4	1,50
<b>CANNACEAE</b>				
<i>Canna x generalis</i> L.H. Bailey	alfinete	her	4	1,00
<b>CARICACEAE</b>				
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	arb	1 e 2	1,47
<b>CARYOCARACEAE</b>				
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm	pequi	arb	1, 2 e 5	2,50
<b>CHYSOBALANACEAE</b>				
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	oiti	arb	1 e 5	2,00
<b>CLEOMACEAE</b>				
<i>Cleome arborea</i> Schrad.	trapiá	arb	1 e 5	1,60
<b>COMBRETACEAE</b>				
<i>Quisqualis indica</i> L.	-	trep	4	1,00
<b>COMMELINACEAE</b>				
<i>Commelina</i> sp.	-	her	4	1,00
<b>CONVOLVULACEAE</b>				
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	her	1	1,00
<i>Ipomoea quamoclit</i> L.	primavera	trep	4	1,00
<b>COSTACEAE</b>				
<i>Costus</i> sp.	caninha-do-sertão	her	2 e 4	2,00
<b>CRASSULACEAE</b>				
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	malva-santa, folha-santa	her	2	1,78
<i>Cotyledon orbiculata</i> L.	bálsamo	her	2	2,25
<b>CUCURBITACEAE</b>				
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	melancia	her	1 e 2	1,12
<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	her	1	1,00
<i>Cucumis sativus</i> L.	pepino	her	1	1,00
<i>Cucumis</i> sp.	meluí	her	1	1,00
<i>Cucurbita</i> sp.	abóbora, jerimum	her	1	1,00
<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	cabaça	her	6	1,00
<b>DAVALLIACEAE</b>				
<i>Nephrolepis multiflora</i> (Roxb.) F.M. Jarrettex C.V. Morton	samambaia	her	4	1,00
<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott	samambaia	her	4	1,00

Continua

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>EUPHORBIACEAE</b>				
<i>Euphorbia milli</i> Des Moul.	eu e tu, coroa-de-cristo	arb	4	1,00
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	cachorro-pelado, avelós	arb	2, 4 e 6	2,33
<i>Euphorbia trigona</i> Mill.	mandacaruzinho	arb	4	1,00
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	arb	3	1,53
<i>Jatropha</i> sp.	pinhão-branco	arb	4	1,00
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	macaxeira, mandioca	arb	1	1,00
<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	escada-do-céu, sapatim	arb	4	1,00
<b>FABACEAE</b>				
<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	rama-de-bezerro	arv	2 e 5	2,00
<i>Adenantha pavonina</i> L.	pau-brasil	arv	5	1,00
<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	pata-de-vaca	arv	2	2,00
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	pau-brasil	arv	5	1,00
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	flamboiãozinho	arb	4	1,00
<i>Cajanus indicus</i> Spreng	feijão-andu	arb	1	1,00
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl	sena	arb	2	3,00
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	flamboião	arv	4 e 5	2,00
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	tamburil	arv	5	1,00
<i>Erythrina indica</i> Lam.	algodão-do-pará	arv	4	1,00
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	mulungu	arv	2 e 5	2,00
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	arv	1, 2	2,00
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart.) L.P. Queiroz	pau-ferro	arv	2 e 5	2,50
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	sub	1	1,00
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	maria-mole	arb	2	1,00
<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	acácio	arb	5	1,00
<i>Tamarindus indica</i> L.	tomarina	arv	1, 2 e 5	2,11
<i>Vicia faba</i> L.	fava	sub	1	1,00
<b>HYDRANGEACEAE</b>				
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	hortência	arb	4	1,00
<b>LAMIACEAE</b>				
<i>Mentha arvensis</i> L.	hortelã-vique	her	2	2,13
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	her	2	2,18
<i>Ocimum</i> sp.	alfavaca	sub	2	1,00
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	sub	1 e 2	1,91
<i>Origanum majorana</i> L.	manjeroma	sub	2	1,33
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	malva-do-reino	her	2	1,53
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo sete-dor	her	2	1,50
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	boldo	her	2	1,57
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	sub	1, 2 e 3	2,75
<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd.	crote	her	4	1,00
<b>LAURACEAE</b>				
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	arv	1 e 2	1,50
<b>LYTHRACEAE</b>				
<i>Cuphea gracilis</i> Kunth	-	her	4	1,00

Continua

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>LYTHRACEAE</b>				
<i>Punica granatum</i> L.	romã	arb	1 e 2	1,94
<b>MALPIGHIACEAE</b>				
<i>Malpighia glabra</i> L.	acerola	arb	1 e 2	1,09
<b>MALVACEAE</b>				
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	arb	1	1,00
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	algodão	arb	2 e 6	2,29
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	rosa-margarida, rosa-jacinta	arb	4	1,00
<b>MELIACEAE</b>				
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	nim	arv	5 e 6	1,10
<b>MORACEAE</b>				
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	arv	1	1,00
<i>Ficus benjamina</i> L.	figa	arv	5	1,00
<i>Morus nigra</i> L.	amora	arb	1 e 2	1,67
<b>MUSACEAE</b>				
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	banana	arb	1 e 2	1,13
<b>MYRTACEAE</b>				
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	eucalipto	arv	2	2,44
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	arv	1, 2 e 5	1,43
<b>NYCTAGINACEAE</b>				
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	juazeiro-da-bahia	arb	4	1,00
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	bunina		4	1,00
<b>OLEACEAE</b>				
<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	bugarim	arb	4	1,00
<b>ORCHIDACEAE</b>				
<i>Cattleya</i> sp.	orquídea	her	4	1,00
<b>OXALIDACEAE</b>				
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	arv	1	1,00
<i>Oxalis triangularis</i> A. St.-Hil.	trevo	her	4	1,00
<b>PASSIFLORACEAE</b>				
<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	maracujá-do-mato	trep	1, 2 e 5	3,00
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá-peroba	trep	1, 2 e 5	2,31
<b>PEDALIACEAE</b>				
<i>Sesamum indicum</i> L.	gergelim	her	1 e 2	1,60
<b>PHYLLANTHACEAE</b>				
<i>Breynia nivosa</i> (W. Bull) Small	pé-de-dinheiro, moedinha	arb	3 e 4	1,14
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	her	2	1,00
<b>PHYTOLACCACEAE</b>				
<i>Petiveria alliacea</i> L.	tipi	her	2 e 3	2,50
<b>PIPERACEAE</b>				
<i>Piper aduncum</i> L.	pimenta-de-macaco	arb	1 e 2	2,00
<b>PLANTAGINACEAE</b>				
<i>Russelia equisetiformis</i> Schldl. & Cham.	pinguim	arb	4	1,00

Continua

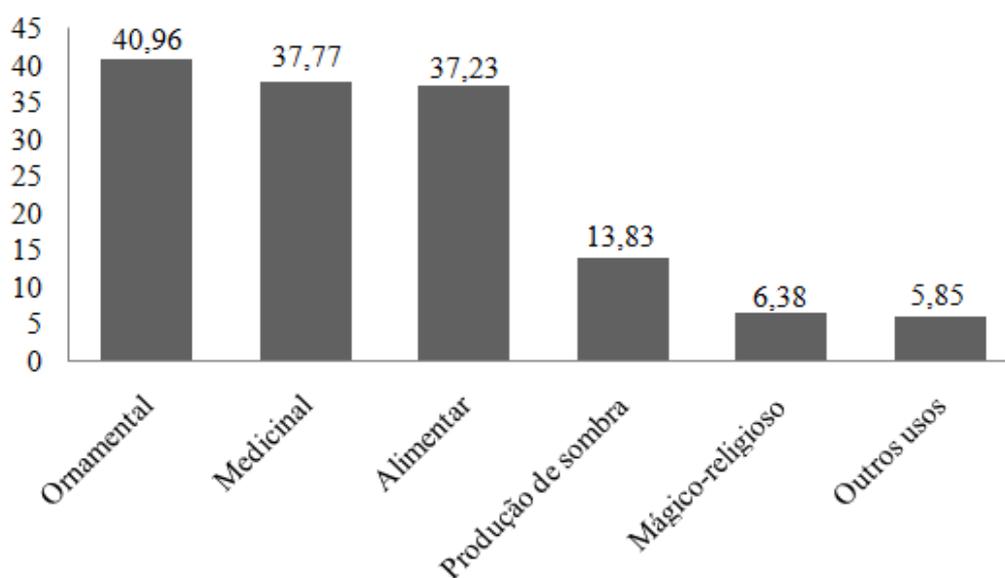
FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>POACEAE</b>				
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-santo	her	2	1,45
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana	arb	1	1,00
<i>Zea mays</i> L.	milho	her	1, 2 e 6	1,31
<b>POLYGONACEAE</b>				
<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	carinha-de-anjo	trep	4	1,00
<b>PORTULACACEAE</b>				
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	nove-horas	her	4	1,00
<i>Portulaca oleraceae</i> L.	terezinha	her	4	1,00
<b>ROSACEAE</b>				
<i>Fragaria x ananassa</i> Duchesne ex Rozier	morango	her	1	1,00
<i>Malus domestica</i> Borkh.	maçã	arb	1	1,00
<i>Rosa</i> sp.	rosa-la-frança	arb	4	1,00
<b>RUBIACEAE</b>				
<i>Coffea arabica</i> L.	café	arb	1	1,00
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	arv	2	1,00
<i>Ixora coccinea</i> L.	ixora	arb	4	1,00
<i>Morinda citrifolia</i> L.	noni	arb	2	1,67
<b>RUTACEAE</b>				
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	limão-galego	arb	1	1,00
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja	arb	1 e 2	1,94
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	limão	arb	1 e 2	2,14
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	tangerina, mexerica	arb	1	1,00
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	sub	2 e 3	3,10
<b>SAPINDACEAE</b>				
<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	lichia	arv	1	1,00
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	pitomba	arv	1 e 5	1,73
<b>SOLANACEAE</b>				
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimentão	sub	1	1,00
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	pimenta-de-cheiro	sub	1	1,00
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta-malagueta	sub	1 e 2	1,09
<i>Capsicum</i> sp.	pimenta-de-mesa	sub	1, 3 e 4	1,75
<i>Capsicum baccatum</i> L.	pimenta-olho-de-peixe	sub	1	1,00
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	sub	1	1,00
<i>Solanum melongena</i> L.	berinjela	sub	1 e 2	3,00
<b>URTICACEAE</b>				
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm	pega-rapaz	her	4	1,00
<b>VERBENACEAE</b>				
<i>Duranta repens</i> L.	pingo-de-ouro	sub	4	1,00
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	erva-cidreira	sub	1 e 2	1,64
<b>VITACEAE</b>				
<i>Vitis labrusca</i> L.	uva	trep	1	1,00
<b>XANTHORRHOACEAE</b>				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	her	2 e 6	3,43

Continua

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	H	CU	VU
<b>ZINGIBERACEAE</b>				
<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	her	1 e 2	2,00
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gingibre	her	2	1,00

### Categorias de uso

Considerando que cada sociedade humana adota critérios únicos que permitem consagrar a forma pela qual os recursos podem ser aproveitados (Móran 1990) e que as categorias de uso concebem uma junção de aspectos éticos e êmicos (Florentino *et al.* 2007), neste estudo, a categoria em que registrou-se o maior número de espécies foi a ornamental (40,96%), seguida da medicinal (37,77%), alimentar (37,23%), produção de sombra (13,83%), mágico-religioso (6,38%) e outros usos (5,83%), conforme exibe-se na Figura 2.



**Figura 2** – Porcentagem das espécies indicadas por categorias de usos da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.

Dados semelhantes, quanto às categorias de maior destaque, foram encontrados por Florentino *et al.* (2007) no município de Caruaru-PE, acerca da contribuição de quintais agrofloretais na conservação de plantas da Caatinga, onde as quatro categorias de uso que

tiveram maior expressividade foram: a alimentícia, a ornamental, medicinal e sombreamento, categorias estas que também prevaleceram neste estudo. Althaus-Ottmann *et al.* (2010) pesquisando sobre a diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do bairro Fanny em Curitiba encontraram a predominância de espécies ornamentais.

Numa abordagem etnobotânica sobre os quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Carniello *et al.* (2010) registraram que dentre as 19 categorias locais de uso das plantas, as três principais foram a ornamental e a alimentação humana com cerca de 35% das citações cada, seguidas da medicinal com 29%. Entretanto, em um levantamento de plantas classificadas em diferentes categorias de uso na comunidade Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil), as categorias de maior importância são as que englobam as espécies utilizadas como alimento (48,1%) e como remédio (44,5%), enquanto que a categoria ornamental ocupa o terceiro nível de relevância, representando apenas 25% do total de espécies usadas (Pasa *et al.* 2005).

Para a categoria ornamental, modalidade que ocupa o nível de maior importância neste estudo (77 espécies), ocorrem plantas que se destacam por proporcionar o embelezamento do ambiente, seja com suas flores, folhas e/ou planta inteira, o que evidencia a preocupação dos moradores da comunidade Aroeiras quanto ao aspecto estético dos quintais, fato este também observado por Aguiar (2009) em quintais rurais de Demerval Lobão-PI. Nesta categoria, destacam-se pelo número de citações as seguintes espécies: *Catharanthus roseus* (27), *Dieffenbachia* sp. (22), *Caladium x hortulanum* (14), *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* (14), *Alocasia macrorrhizos* (8), *Celosia cristata* (8), *Pedilanthus tithymaloides* (8), entre outras. Espécies como *Allamanda cathartica*, *Mirabilis jalapa*, *Zinnia elegans*, *Polyscias fruticosa*, *Spathiphyllum cannifolium*, *Impatiens balsamina*, *Pilea microphylla*, assim como outras, mostraram-se pouco expressivas nos quintais pesquisados, haja vista que ocorreram em apenas um ou dois quintais. As famílias Araceae com dez espécies, Asparagaceae,

Apocynaceae, Euphorbiaceae e Cactaceae com seis espécies, foram as mais frequentes nessa categoria. A família Araceae é apresentada como uma das famílias mais frequentes nos quintais de domicílios urbanos estudados por Eichemberg *et al.* (2009).

As espécies ornamentais mais cultivadas nos quintais de Aroeiras, *Catharanthus roseus* e *Dieffenbachia* sp., também são citadas por Silva & Andrade (2005) em um estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral no estado de Pernambuco, onde estas são mencionadas, no caso da primeira, como plantas cujas flores são usadas em ornamentação e, quanto a segunda, ornamental pelas folhas.

As categorias medicinal e alimentar apresentam-se quase que na mesma importância, respectivamente com 71 e 70 citações. Diante de tais números, pode-se perceber a relevância dos quintais pesquisados quanto às funções referentes à produção de alimentos, bem como de produtos medicamentosos, propiciando uma contribuição nutricional, assim como na terapêutica de enfermidades dos moradores locais.

Quanto às espécies medicinais cultivadas, dentre as mais citadas, merecem destaque *Lippia alba*, *Aloe vera*, *Plectranthus amboinicus*, *Citrus limon*, *Chenopodium ambrosioides*, *Mentha arvensis*, *Plectranthus barbatus* e *Plectranthus neochilus*, que apresentaram uma frequência absoluta de citações igual ou superior a 15, indicadas por todos os informantes como medicinal. Espécies como *Anacardium occidentale*, *Malpighia glabra*, *Psidium guajava*, *Spondias purpurea* e *Coriandrum sativum* apesar de apresentarem grande frequência de citações, respectivamente 62, 44, 41, 39 e 39 e, pertencerem a esta categoria, não obtiveram destaque, posto que não foram amplamente indicadas como medicinais. As famílias Lamiaceae (10 ssp.) e Fabaceae (8 ssp.) foram as mais frequentes nessa categoria.

Pinto *et al.* (2006) estudando o conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais em Itacaré na Bahia, registraram o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e a erva-cidreira (*Lippia alba*) como as plantas mais citadas e, semelhantemente, a família

Lamiaceae foi a mais frequente com 12 espécies. Oliveira *et al.* (2010) mencionam a família Fabaceae como a mais representativa.

Na categoria alimentar, as espécies com maior número de citações foram *Anacardium occidentale* (62), *Mangifera indica* (48), *Allium fistulosum* (47), *Malpighia glabra* (44), *Annona quamosa* (43), *Psidium guajava* (41), *Spondias purpurea* (39), *Coriandrum sativum* (39). Dados semelhantes foram encontrados por Florentino *et al.* (2007), onde *A. occidentale* foi a mais frequente nos quintais, seguida de *S. purpurea*, *M. glabra* e *P. guajava*. Desta forma, ressalta-se Solanaceae com 7 espécies, Cucurbitaceae, Fabaceae e Anacardiaceae com 5 espécies como as famílias com maior representatividade para esta categoria. As três últimas famílias também foram referidas por Oliveira (2008) por destacarem-se por quantidade de espécies.

No que tange à categoria produção de sombra, 26 espécies foram aludidas para tal classe, sendo as mais citadas *Anacardium occidentale* (62), *Mangifera indica* (48), *Azadirachta indica* (42) e *Psidium guajava* (41), *Spondias tuberosa* (32). Deste modo, depreende-se a preocupação dos moradores locais quanto à questão do cultivo de árvores nos quintais para assim proporcionar um ambiente mais agradável, com vistas ao melhoramento do microclima no entorno das residências. Anacardiaceae (9ssp.) e Fabaceae (5 ssp.) são as duas famílias mais representativas.

Quanto à categoria mágico-religiosa, considerou-se aí pertencentes as plantas que eram utilizadas no tratamento de problemas espirituais, como amuletos de sorte, capacidade de afastar mau-olhado, para ocasionar bons presságios e proteção, dentre outros significados (Silva & Andrade 2005), o que permitiu incluir 12 espécies de plantas. A espécie mais cotada para tal categoria foi a *Jatropha gossypifolia* com 30 citações, seguida de *Melocactus zehntnerie*, *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii*, com respectivamente 28 e 14 citações. Foram incluídas 9 famílias botânicas, das quais Cactaceae foi a preponderante com 4 espécies.

Lorenzini & Matos (2008) realçam que as informações etnobotânicas citam o uso do *Jatropha gossypifolia* no Nordeste do Brasil como planta mágica, que é plantada em frente da casa de moradia, evitando a entrada de todos os males. Oliveira (2008) também enfatiza que na frente da maioria das residências pesquisadas em comunidades rurais de Oeiras, encontra-se tal espécie plantada para espantar mau-olhado e trazer bons presságios, fato este também observado nos domicílios pesquisados, uma vez que as plantas de uso místico e/ou simbólico predominavam na frente das casas.

Na categoria outros usos ocorrem 11 espécies, as quais devido ao pequeno índice de citações de seus usos, compuseram tal classe. Incluiu-se espécies citadas pelo uso de suas fibras (*Gossypium hirsutum*), como cosmético (*Aloe vera*), tóxicas (*Euphorbia tirucalli* e *Dieffenbachia* sp.), repelente de insetos (*Azadirachta indica*), forrageira (*Opuntia ficus-indica*), madeiras (*Anacardium occidentale* e *Copernicia prunifera*), para fabricação de utensílios domésticos (*Lagenaria vulgaris* e *Crescentia cujete*), bem como pelo uso da palha do milho como “papel para cigarro” (*Zea mays*).

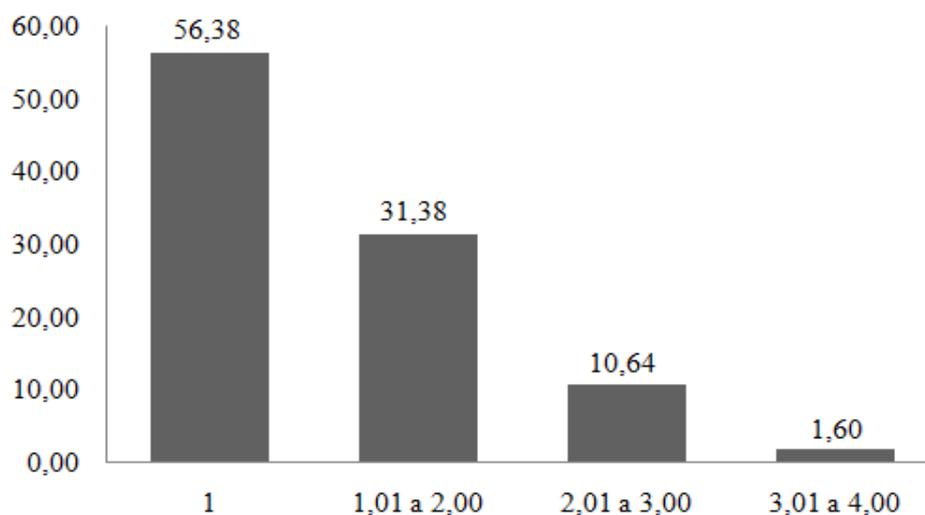
Ademais, convém enfatizar que, dentre as espécies levantadas, 64,48% (125) está enquadrada em apenas uma categoria de uso, 26,06% (49) em duas e, somente 7,44% (14) ocorre em três ou quatro categorias. Comparando com outros dados piauienses, Aguiar (2009) relata que das espécies presentes nos quintais pesquisados, 56% ocorre em apenas uma categoria de uso, 29% em duas e apenas 15% enquadram-se em três ou mais categorias.

Dentre as espécies mais versáteis está *Anacardium occidentale* e *Cereus jamacaru*, as únicas pertencentes a quatro categorias de uso. No trabalho de Florentino et al. (2007) *A. occidentale* está enquadrado em três categorias (alimentar, sombreamento e medicinal), as quais também são referidas neste levantamento, divergindo apenas quanto à modalidade “outros usos”, que a inclui pela citação do uso de sua madeira como combustível (lenha).

### Valor de uso

*Chenopodium ambrosioides* (VU=3,96), *Aloe vera* (VU=3,43) e *Ruta graveolens* (VU=3,11) foram as espécies em que se encontrou os maiores valores de uso para a localidade estudada, o que permite inferir diante de tais resultados, que estas são as plantas cultivadas com maior potencial de utilização pelos moradores locais, onde as quais foram indicadas tanto para fins medicinais, no caso da primeira, para medicinais e cosmetológicos (a segunda) e, tanto para medicinais como para usos atrelados ao místico e ao simbólico, no caso da última. Todavia, espécies como *Solanum melongena*, *Commiphora leptophloeos*, *Cassia angustifolia* e *Passiflora cincinnata*, apesar de apresentarem valores de uso relativamente alto (VU=3,00), formam citadas por apenas um indivíduo.

Valores dessemelhantes, para as duas primeiras espécies, foram encontrados por Meireles (2012), em uma investigação etnobotânica na comunidade Canárias no Piauí, onde foi encontrado valores de usos bem menores, tanto para o *Chenopodium ambrosioides* quanto para *Aloe vera*, considerando os resultados aqui encontrados. A distribuição das espécies por classe de valor de uso está evidenciado na Figura 3.



**Figura 3** - Distribuição em classes de valor de uso das espécies cultivadas em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.

Logo, nota-se que a maior parte das plantas (56,38%) apresenta baixo valor de uso, uma vez que apresentam o menor valor considerado (1,00), o que indica a baixa potencialidade de uso destas espécies pelos moradores da comunidade em foco. Seguidamente, uma menor percentagem de plantas compreende o intervalo entre 1,01 a 2,00 (31,38%) e 2,01 a 3,00 (10,64%). E, apenas 3 espécies (1,60%) incluem-se na classe que enquadra as plantas com maior quantidade de citações de uso por informante.

### **Agradecimentos**

Aos moradores da comunidade rural de Aroeiras pela solicitude e receptividade com que me receberam em suas residências, desprendendo-se de suas informações e contribuindo para o culminar deste estudo.

### **Referências**

- Aguiar, L.C.G.G. 2009. Etnobotânica em quintais de comunidades rurais no domínio cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina. 112 p.
- Aguiar, R. B. & Gomes, J. R. C. (Org.). 2004. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Monsenhor Hipólito. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil.
- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002a. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 16: 273-285.

- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002b. Usos de recursos vegetais na Caatinga : o caso do agreste do estado de Pernambuco (nordeste do Brasil). *Interciencia* 27: 336-346.
- Albuquerque, U.P.; Cavalcanti, L.H. & Caballero, J. 2005. Structure and Floristics of Homegardens in Northeastern Brazil. *Journal of Arid Enviroments* 62: 491-506.
- Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. 2004. Métodos e técnicas para a coleta de dados. *In*: U.P. Albuquerque & R.F.P. Lucena (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife, Editora Livro Rápido/NUPEEA. Pp. 37-62.
- Albuquerque, U.P.; Paiva, R.F. & Alencar, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. *In*: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F.P. & Cunha, L. V. F.C. (Orgs.). 2010. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPPEA. Pp.39-64.
- Althaus-Ottmann, M.M.; Cruz, M.J.R. & Fonte, N.N. 2011. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências* 9: 39-49.
- Bailey, K. 1994. Métodos of social research. 4<sup>a</sup> ed. New York: The Free Press. 588 p
- Caballero, J. 1979. La Etnobotânica. *In*: Barrera, A. (Ed.). La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva. Xalapa, INIREB. Pp. 27-30.
- Carniello, M.A; Silva, R.S.; Cruz, M.A.B. & Guarim Neto, G. 2010. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste – MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazonica* 40: 451-470.
- Cavalcante, A.C.P. & Silva, A. G. 2014. Levantamento etnobotânica e utilização de plantas medicinais na comunidade Moura, Bananeiras-PB. *Revista Monografias Ambientais – REMOA* 14: 3225 – 3230.
- Chaves, A.S. & Zanin, E.M. 2012. Etnobotânica em comunidades rurais de origem italiana e polonesa do município de Erechim/Rs. *Perspectiva, Erechim* 36: 95-113.

- Eichemberg, M.T.; Amorozo, M.C.M. & Moura, L.C. 2009. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. *Acta Botanica Brasilica* 23: 1057-1075.
- Florentino, A.T.N.; Araújo, E.L. & Albuquerque, U.P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 21: 37-47.
- Franco, E.A.P. & Barros, R.F.M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 8: 78-88.
- Franco, F.; Lamano-Ferreira, A.P.N. & Ferreira, M. L. 2011. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. *Caderno de Cultura e Ciência*, Ano VI 10: 17-23.
- IBGE. 2010. Perfil das cidades piauienses. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=220650&search=piaui|monsenor-hipolito>>. Acesso em 10 Jun. 2014
- Jacomine, P. K. T.; Cavalcanti, A. C.; Pessoa, S. C. P.; Burgos, N.; Melo Filho, H. F. R.; Lopes, O. F. & Medeiros, L. A. R. 1986. Levantamento exploratório – reconhecimento de solos do Estado do Piauí. Rio de Janeiro. EMBRAPA-SNLCS/SUDENE-DRN. 1986. 782 p.
- Liporacci, H.S.N. & Simão, D.G. 2013. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 15: 529-540.
- Lorenzi, H. & Matos, F.J.A.M. 2008. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 544p.
- Meiros, V.J.S. 2012. Etnobotânica e caracterização da pesca na comunidade canárias, reserva extrativista marinha do Delta do Parnaíba, nordeste do Brasil. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina. 164p.

- Morán, E. F. 1990. A ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis, RJ: Vozes. 367 p.
- Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G. & Coradin, L. 1989. Manual de manejo do herbário fanerogâmico. Ilhéus, CEPLAC. 104 p.
- Novais, A.M; Guarim Neto, G.; Guarim, V.L.M.S. & Pasa, M.C. 2011. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. *Revista Biodiversidade* 10: 3-11.
- Oliveira, F.C.S. 2008. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido piauiense. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina. 134p.
- Oliveira, F.C.S.; Barros, R.F.M. & Moita Neto J.M. 2010. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* 12: 282-301.
- Pasa, M.C.; Soares, J.J. & Guarim Neto, G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica* 19: 195-207.
- Phillips O. & Gentry A.H. 1993a. The useful Plants of Tamboapata, Peru: I Statistical hypothesis testing with a new quantitative technique. *Economic Botany* 47:15-32.
- Phillips, O. & Gentry, A.H. 1993b. The useful Plants of Tamboapata, Peru: II Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. *Economic Botany* 47: 33-43.
- Phillips, O.; Gentry, A.H.; Reynel, C.; Wilkin, P. & Gálves-Durand, B.C. 1994. Quantitative ethnobotany and amazonian conservation. *Conservation Biology* 8: 15-32.
- Pinto, E.P.P.; Amorozo, M.C.M. & Furlan, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 20: 751-762.
- Rossato, S.C. 1996. Uso de plantas por comunidades caiçaras do litoral norte do estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 119 p.

- Silva, A.J.R. & Andrade, L.H.C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 19: 45-60.
- Strachulski, J. & Floriani, N. 2013. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de Linha Criciumal, em Cândido de Abreu-PR. *Revista Geografar* 8:125-153.
- The Angiosperm Phylogeny Group. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 105-121.
- Trota, J.; Messias, P.A.; Pires, A.H.C.; Haysashida, C.T.; Camargo, C. & Fudemma, C. 2012. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. *Revista de estudos ambientais* 14: 17-34.
- Van Holthe, J. M. O. 2004. Quintais urbanos de Salvador: realidades, usos e vivências no século XIX. *Cadernos* 2: 61-74. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/viewFile/1403/887>>. Acesso em 04 Jun. 2014;

*Considerações Finais*

---

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência dos resultados que figuram neste estudo, percebe-se a variedade de plantas que são cultivadas nos quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI, o que possibilitou analisar a relação dos moradores locais com os recursos botânicos os quais se encontram nestes quintais.

Contemplando o aspecto estético do ambiente que cerca a sua vida quotidiana, para finalidades nutricionais, para o tratamento de enfermidades, para melhoramento do microclima próximo às residências, para usos vinculados ao universo místico e simbólico, assim como para uma miscelânea de outros usos, os moradores locais interagem com estas plantas para atenderem as suas necessidades, seja física, ética ou simbolicamente, fazendo desta forma, utilidade do seu conhecimento tradicional para conceber tal inter-relação.

Deste modo, registrado tal conhecimento, a valia deste estudo se torna imensurável, uma vez que caso tal conhecimento se dissolvesse em meio ao esquecimento ou viesse a sucumbir diante da célere globalização em que vivemos atualmente, não teria na irreversibilidade dos fatos a explicação para tal, haja vista a documentação deste saberes, designadamente da localidade em que se procedeu tal estudo, possibilitando o seu resgate.

Entretanto, sinaliza-se para o desenvolvimento de cada vez mais destes trabalhos junto aos povos tradicionais, principalmente os rurais, que ainda fazem, em larga escala, uso dos vegetais nas suas práticas rotineiras, pois, paulatinamente, tais povos são pressionados a modernizar-se, o que pode resultar em perda de inestimáveis conhecimentos sobre a flora e assim, da identidade tradicional de um povo.

*Apêndices*

---

## Apêndice A - Formulário para entrevistas

ENTREVISTADO (A) \_\_\_\_\_

APELIDO \_\_\_\_\_ Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**1. Sexo:**

Masculino     Feminino

**2. Idade compreendida entre:**

18 e 30     31 e 40     41 e 50     51 e 60     61 e 70     Acima de 70

**3. Qual o seu estado civil?**

Solteiro     Casado     União estável     Separado/divorciado     Viúvo     Outro

**4. Profissão:** \_\_\_\_\_

**5. Escolaridade:**

Analfabeto     Ensino fundamental incompleto     Ensino fundamental completo  
 Ensino Médio incompleto     Ensino Médio completo  
 Graduação incompleta     Graduação completa     Pós-graduação

**6. Renda mensal da família:**

Abaixo de um salário mínimo     1 salário mínimo     2 a 3 salários mínimos  
 de 4 a 5 salários mínimos     acima de 5 salários mínimos

**7. Em relação à moradia, você reside em:**

Casa Própria     Casa alugada     Casa financiada     Casa cedida por terceiros

**8. Número de pessoas que residem na casa (contando com o entrevistado):**

1     2     3     4     > 4

**9. Há quanto tempo vive na comunidade:**

Desde que nasceu     < 1 ano     1 a 5 anos     6 a 10 anos     >10 anos



## Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Título do estudo:** Levantamento das plantas úteis cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.

**Pesquisador(es) responsável(is):** Dr<sup>a</sup>. Maria Carolina de Abreu (orientadora), Paulo Henrique da Silva (graduando)

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros/ Curso de Ciências Biológicas

**Telefone para contato: (89) 81027683**

**Local da coleta de dados:** Comunidade Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito - PI

Prezado(a) Senhor(a):

• Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** Conhecer as categorias de uso das plantas úteis cultivadas pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.

**Procedimentos:** Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em participar de uma entrevista respondendo a questões propostas conforme formulário, questões estas referentes a dados socioeconômicos e etnobotânicos.

**Benefícios.** Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

**Riscos.** A entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

**Sigilo.** As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Monsenhor Hipólito –PI \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
N. identidade

\_\_\_\_\_  
Pesquisador



**Apêndice C – Quintais observados na zona rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.** A e B: moradoras evidenciando as plantas ornamentais do jardim; C, D, E e F: visão geral dos quintais; G: Cultivo de plantas alimentares e medicinais no quintal.



**Apêndice D – Espécies úteis cultivadas nos quintais de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.** A: uva (*Vitis labrusca* L.); B: graviola (*Annona muricata* L.); C: abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr.); D: morango (*Fragaria x ananassa* Duchesne ex Rozier); E e G: Plantas alimentares cultivadas em “girais”, como: cheiro-verde (*Coriandrum sativum* L.), cebolinha (*Allium fistulosum* L.), tomate (*Solanum lycopersicum* L.); F: corante, urucum (*Bixa orellana* L.); H: berinjela (*Solanum melongena* L.); I: *Quisqualis indica* L.; J: boa-noite (*Catharanthus roseus* (L.) G. Don); K: rosa-margarida (*Hibiscus rosa-sinensis* L.)



**Apêndice E – Plantas úteis cultivadas nos quintais de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI.** A: noni (*Morinda citrifolia* L.); B: malva-santa (*Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken); C: arruda (*Ruta graveolens* L.); D: babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.); E: coroa-de-frade (*Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Luetzelb); F: pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.); G: malva-do-reino (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.).

*Anexos*

---

## **Anexo A – Normas para submissão de trabalhos à revista *Rodriguésia***

### **Foco e Escopo**

A Revista publica artigos científicos originais, de revisão, de opinião e notas científicas em diversas áreas da Biologia Vegetal (taxonomia, sistemática e evolução, fisiologia, fitoquímica, ultraestrutura, citologia, anatomia, palinologia, desenvolvimento, genética, biologia reprodutiva, ecologia, etnobotânica e filogeografia), bem como em História da Botânica e atividades ligadas a Jardins Botânicos.

Preconiza-se que os manuscritos submetidos à *Rodriguésia* excedam o enfoque essencialmente descritivo, evidenciando sua relevância interpretativa relacionada à morfologia, ecologia, evolução ou conservação.

Artigos de revisão ou de opinião poderão ser aceitos mediante demanda voluntária ou a pedido do corpo editorial.

Os manuscritos deverão ser preparados em Português, Inglês ou Espanhol. Ressalta-se que os manuscritos enviados em Língua Inglesa terão prioridade de publicação.

A *Rodriguésia* aceita o recebimento de manuscritos desde que:

- todos os autores do manuscrito tenham aprovado sua submissão;
- os resultados ou idéias apresentados no manuscrito sejam originais;
- o manuscrito enviado não tenha sido submetido também para outra revista, a menos que sua publicação tenha sido recusada pela *Rodriguésia* ou que esta receba comunicado por escrito dos autores solicitando sua retirada do processo de submissão;
- o manuscrito tenha sido preparado de acordo com a última versão das Normas para Publicação da *Rodriguésia*.

Se aceito para publicação e publicado, o artigo (ou partes do mesmo) não deverá ser publicado em outro lugar, exceto:

- com consentimento do Editor-chefe;
- se sua reprodução e o uso apropriado não tenham fins lucrativos, apresentando apenas propósito educacional.

Qualquer outro caso deverá ser analisado pelo Editor-chefe.

O conteúdo científico, gramatical e ortográfico de um artigo seja de total responsabilidade de seus autores.

### **Processo de Avaliação por Pares**

Os manuscritos submetidos à *Rodriguésia*, serão inicialmente avaliados pelo Editor-Chefe e Editor(es) Assistente(s), os quais definirão sua área específica; em seguida, o manuscrito será enviado para o respectivo Editor de Área. O Editor de Área, então, enviará o mesmo para dois consultores *ad hoc*. Os comentários e sugestões dos revisores e a decisão do Editor de Área serão enviados para os respectivos autores, a fim de serem, quando necessário, realizadas modificações de forma e conteúdo. Após a aprovação do manuscrito, o texto completo com os comentários dos *ad hoc* e Editor de Área serão avaliados pelo Editor-Chefe. Apenas o Editor-chefe poderá, excepcionalmente, modificar a recomendação dos Editores de Área e dos revisores, sempre com a ciência dos autores.

Uma prova eletrônica será enviada, através de correio eletrônico, ao autor indicado para correspondência, para aprovação. Esta deverá ser devolvida, em até cinco dias úteis a partir da data de recebimento, ao Corpo Editorial da Revista. Os manuscritos recebidos que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidos.

Os trabalhos, após a publicação, ficarão disponíveis em formato PDF neste site. Além disso, serão fornecidas gratuitamente 10 separatas por artigo publicado.

### **Forma de Publicação:**

Os artigos devem ter no máximo 30 laudas, aqueles que ultrapassem este limite poderão ser publicados após avaliação do Corpo Editorial. O aceite dos trabalhos depende da decisão do Corpo Editorial.

*Artigos Originais:* somente serão aceitos artigos originais nas áreas anteriormente citadas para Biologia Vegetal, História da Botânica e Jardins Botânicos.

*Artigos de Revisão:* serão aceitos preferencialmente aqueles convidados pelo corpo editorial, porém, eventualmente, serão aceitos aqueles provenientes de contribuições voluntárias.

*Artigos de Opinião:* cartas ao editor, comentários a respeito de outras publicações e idéias, avaliações e outros textos que caracterizados como de opinião, serão aceitos.

*Notas Científicas:* este formato de publicação compõe-se por informações sucintas e conclusivas (não sendo aceitos dados preliminares), as quais não se mostram apropriadas para serem incluídas em um artigo científico típico. Técnicas novas ou modificadas podem ser apresentadas.

### Artigos originais e Artigos de revisão

Os manuscritos submetidos deverão ser formatados em A4, com margens de 2,5 cm e alinhamento justificado, fonte Times New Roman, corpo 12, em espaço duplo, com no máximo 2MB de tamanho. Todas as páginas, exceto a do título, devem ser numeradas, consecutivamente, no canto superior direito. Letras maiúsculas devem ser utilizadas apenas se as palavras exigem iniciais maiúsculas, de acordo com a respectiva língua do manuscrito. Não serão considerados manuscritos escritos inteiramente em maiúsculas. Palavras em latim devem estar em itálico, bem como os nomes científicos genéricos e infragenéricos.

Utilizar nomes científicos completos (gênero, espécie e autor) na primeira menção, abreviando o nome genérico subsequentemente, exceto onde referência a outros gêneros cause confusão. Os nomes dos autores de táxons devem ser citados segundo Brummitt & Powell (1992), na obra “Authors of Plant Names” ou de acordo com o site do IPNI ([www.ipni.org](http://www.ipni.org)).

**Primeira página** - deve incluir o título, autores, instituições, apoio financeiro, autor e endereço para correspondência e título abreviado. O título deverá ser conciso e objetivo, expressando a idéia geral do conteúdo do trabalho. Deve ser escrito em negrito com letras maiúsculas utilizadas apenas onde as letras e as palavras devam ser publicadas em maiúsculas.

**Segunda página** - deve conter Resumo (incluindo título em português ou espanhol), Abstract (incluindo título em inglês) e palavras-chave (até cinco, em português ou espanhol e inglês, em ordem alfabética). Resumos e Abstracts devem conter até 200 palavras cada.

**Texto** – Iniciar em nova página de acordo com seqüência apresentada a seguir: Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Agradecimentos e Referências. O item Resultados pode estar associado à Discussão quando mais adequado. Os títulos (Introdução, Material e Métodos etc.) e subtítulos deverão ser apresentados em negrito. As figuras e tabelas deverão ser enumeradas em arábico de acordo com a seqüência em que as mesmas aparecem no texto.

As citações de referências no texto devem seguir os seguintes exemplos: Miller (1993), Miller & Maier (1994), Baker *et al.* (1996) para três ou mais autores; ou (Miller 1993), (Miller & Maier 1994), (Baker *et al.* 1996), (Miller 1993; Miller & Maier 1994). Artigos do mesmo autor ou seqüência de citações devem estar em ordem cronológica. A citação de Teses e Dissertações deve ser utilizada apenas quando estritamente necessária. Não citar trabalhos apresentados em Congressos, Encontros e Simpósios.

O material examinado nos trabalhos taxonômicos deve ser citado obedecendo a seguinte ordem: local e data de coleta, bot., fl., fr. (para as fases fenológicas), nome e número do coletor (utilizando *et al.* quando houver mais de dois) e sigla(s) do(s) herbário(s) entre parêntesis, segundo *Index Herbariorum* (Thiers, continuously updated).

Quando não houver número de coletor, o número de registro do espécime, juntamente com a sigla do herbário, deverá ser citado. Os nomes dos países e dos estados/províncias deverão ser citados por extenso, em letras maiúsculas e em ordem alfabética, seguidos dos respectivos materiais estudados.

Exemplo: BRASIL. BAHIA: Ilhéus, Reserva da CEPEC, 15.XII.1996, fl. e fr., *R.C. Vieira et al.* 10987 (MBM, RB, SP).

Para números decimais, use vírgula nos artigos em Português e Espanhol (exemplo: 10,5 m) e ponto em artigos em Inglês (exemplo: 10.5 m). Separe as unidades dos valores por um espaço (exceto em porcentagens, graus, minutos e segundos). Use abreviações para unidades métricas do Systeme International d'Unités (SI) e símbolos químicos amplamente aceitos. Demais abreviações podem ser utilizadas, devendo ser precedidas de seu significado por extenso na primeira menção.

**Ilustrações** - Mapas, desenhos, gráficos e fotografias devem ser denominados como Figuras. Fotografias e ilustrações que pertencem à mesma figura devem ser organizados em pranchas (Ex.: Fig. 1a-d – A figura 1 possui quatro fotografias ou desenhos). Todas as figuras devem ser citadas na sequência em que aparecem e nunca inseridas no arquivo de texto. As pranchas devem possuir 15 cm larg. x 19 cm comp. (altura máxima permitida); também serão aceitas figuras que caibam em uma coluna, ou seja, 7,2 cm larg.x 19 cm comp. Os gráficos devem ser elaborados em preto e branco. No texto as figuras devem ser sempre citadas de acordo com os exemplos abaixo: “Evidencia-se pela análise das Figuras 25 e 26...” “Lindman (Fig. 3a) destacou as seguintes características para as espécies...”

#### **Envio das imagens para a revista:**

- **FASE INICIAL – submissão eletrônica** (<http://rodriguesia-seer.jbrj.gov.br>): as imagens devem ser submetidas em formato PDF ou JPEG, com tamanho máximo de 2MB. Os gráficos devem ser enviados em arquivos formato Excel. Caso o arquivo tenha sido feito em Corel Draw, ou em outro programa, favor transformar em imagem PDF ou JPEG. Ilustrações que não possuírem todos os dados legíveis resultarão na devolução do manuscrito.
- **SEGUNDA FASE – somente se o artigo for aceito para publicação:** nessa fase todas as imagens devem ser enviadas para a Revista Rodriguésia do seguinte modo, através de sites de uploads da preferência do autor (disponibilizamos um link para um programa de upload chamado MediaFire como uma opção para o envio dos arquivos, basta clicar no botão abaixo). O autor deve enviar um email para a revista avisando sobre a disponibilidade das imagens no site e informando o link para acesso aos arquivos.

**Legendas** – devem vir ao final do arquivo com o manuscrito completo. Solicita-se que as legendas, de figuras e gráficos, em artigos enviados em português ou espanhol venham acompanhadas de versão em inglês.

**Tabelas** – não inserir no arquivo de texto. Incluir a(s) tabela(s) em um arquivo separado. Todas devem ser apresentadas em preto e branco, no formato Word for Windows. No texto as tabelas devem ser sempre citadas de acordo com os exemplos abaixo: “Apenas algumas espécies apresentam indumento (Tab. 1)...” “Os resultados das análises fitoquímicas são apresentados na Tabela 2...” Solicita-se que os títulos das tabelas, em artigos enviados em português ou espanhol, venham acompanhados de versão em inglês.

**Referências** - Todas as referências citadas no texto devem estar listadas neste item. As referências bibliográficas devem ser relacionadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do primeiro autor, com apenas a primeira letra em caixa alta, seguido de todos os demais autores. Quando o mesmo autor publicar vários trabalhos num mesmo ano, deverão ser acrescentadas letras alfabéticas após a data. Os títulos de periódicos não devem ser abreviados.

## Exemplos:

- Tolbert, R.J. & Johnson, M.A. 1966. A survey of the vegetative shoot apices in the family Malvaceae. *American Journal of Botany* 53: 961-970.
- Engler, H.G.A. 1878. Araceae. *In*: Martius, C.F.P. von; Eichler, A. W. & Urban, I. *Flora brasiliensis*. Munchen, Wien, Leipzig. Vol. 3. Pp. 26-223.
- Sass, J.E. 1951. *Botanical microtechnique*. 2ed. Iowa State College Press, Iowa. 228p.
- Punt, W.; Blackmore, S.; Nilsson, S. & Thomas, A. 1999. Glossary of pollen and spore Terminology. Disponível em <<http://www.biol.ruu.nl/~palaeo/glossary/glos-int.htm>>. Acesso em 15 outubro 2006.
- Costa, C.G. 1989. Morfologia e anatomia dos órgãos vegetativos em desenvolvimento de *Marcgravia polyantha* Delp. (Marcgraviaceae). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 325p.